

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PPGARTES - PROFARTES

TALITA ARAÚJO QUEIROZ

ARTE-EDUCAÇÃO DECOLONIAL:

Caminhos de (re)existência amazônica na escola ribeirinha de Manaus

MANAUS

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES PPGARTES - PROFARTES

TALITA ARAÚJO QUEIROZ

ARTE-EDUCAÇÃO DECOLONIAL:

Caminhos de (re)existência amazônica na escola ribeirinha de Manaus

Artigo apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre Profissional em Artes.

Linha de Pesquisa – Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes

Orientador: Prof. Dr. ELIAS SOUZA FARIAS

MANAUS

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Queiroz, Talita Araújo
Q3a Arte-educação decolonial : caminhos de (re) existência
amazônida na escola ribeirinha de Manaus / Talita Araújo Queiroz .
2023
67 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Elias Souza Farias
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade
Federal do Amazonas.

1. Arte educação. 2. Decolonialidade. 3. Pedagogia decolonial. 4.
Educação ribeirinha. 5. Povos amazônicos. I. Farias, Elias Souza.
II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES PPGARTES – PROFARTES

TALITA ARAÚJO QUEIROZ

ARTE-EDUCAÇÃO DECOLONIAL:

Caminhos de (re)existência amazônica na escola ribeirinha de Manaus

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador: Prof(a) Dr. Elias Souza Farias
Universidade Federal do Amazonas

Membro: Prof(a) Dr(a): Maria Evany do Nascimento
Universidade do Estado do Amazonas

Membro: Prof(a) Dr(a): Rosemara Staub de Barros
Universidade Federal do Amazonas

MANAUS

2023

RESUMO

Esta pesquisa intitulada Arte-educação Decolonial: Caminhos de (re)existência amazônica na escola ribeirinha de Manaus, tem por objetivo principal apresentar o relato de experiências artísticas desenvolvidas na disciplina de artes de uma escola ribeirinha de Manaus. Portanto buscou-se organizar experiências de mediação artística na disciplina de artes com práticas que sirvam de elemento agregador teórico-metodológico decolonial de (re)existência amazônica na Escola Municipal José Sobreira do Nascimento; criar experiências na arte-educação em contexto ribeirinho que contemplem o imaginário social, as expressões identitárias locais; vivenciar durante as experiências, o seu existir amazônica e o (re)existir expressivo de povos das águas e florestas; mostrar um documentário como resultado de ação efetiva das experiências em arte-educação decolonial. Com abordagens etnográficas entrelaçadas pela metodologia artográfica, ressaltando contextos da comunidade através do diário pessoal e vivenciando o processo de pesquisa juntamente com os estudantes uma vez que, a artografia não me isenta de participar do processo. O resultado foram experiências que contribuíram para expressão identitária dos estudantes ribeirinhos numa insurgência decolonial. Uma vez compreendido que a arte-educação decolonial pode contribuir para o seu desenvolvimento escolar, conhecimento de ser, saber e estar, na emancipação identitária enquanto ribeirinho é possível atribuir metodologias no espaço da escola, que visibilize e ressignifique situações de invisibilidade do seu fazer artístico e confronto de suas opressões de seu ambiente e do seu lugar de fala na escola. A justificativa considera o fato de estar trabalhando efetivamente na escola ribeirinha como arte-educadora, observando diariamente o seu lugar identitário, e por ser um lugar onde a escola é o campo inicial de onde enxergamos o estar, o saber e do ser na comunidade ribeirinha, que reverberam em dificuldades e contextos de vulnerabilidade; consideramos também, a restrição de material de estudo insuficiente sobre arte-educação decolonial no Estado do Amazonas tendo limitadas publicações e de fazer a classe acadêmica e científica conhecer e estimular a construção de outras pesquisas sobre o assunto aqui analisado. A escola onde a pesquisa se realiza chama-se Escola Municipal José Sobreira do Nascimento, e fica localizada na Comunidade Nossa Senhora de Fátima, às margens do Rio Negro, na zona ribeirinha de Manaus, e é o local onde a vida amazônica cabocla das águas e florestas favorecem a interação do seu meio com as atividades escolares sob orientação em classe. É necessário para chegar à Comunidade uma viagem de 30 minutos via transporte fluvial, partindo do perímetro urbano, Marina do Davi em direção ao lago Tarumã-mirim. As obras manifestas pelos alunos de Fátima querem mostrar o seu fazer, a sua identidade e as possibilidades de enfrentamento à colonização do saber, ser e estar através da arte, retratando assim sua arte visual, suas músicas, suas danças, seu teatro tornando-os conscientes da importância de suas manifestações.

Palavras-chave: Arte-educação; Decolonialidade; Pedagogia decolonial; Nossa Senhora de Fátima; Povos amazônicos;

ABSTRACT

This research entitled Decolonial Art-education: Amazonian (re)existence paths in the riverside school of Manaus, has as main objective to present the report of artistic experiences developed in the discipline of arts in a riverside school in Manaus. Therefore, we sought to organize experiences of artistic mediation in the discipline of arts with practices that serve as a decolonial theoretical-methodological aggregator element of Amazonian (re)existence in the Municipal School José Sobreira do Nascimento; to create experiences in art-education in a riverside context that contemplate the social imaginary, the local identity expressions; to experience during the experiences, their Amazonian existence and the expressive (re)existence of people from the waters and forests; to show a documentary as a result of effective action of the experiences in decolonial art-education. With ethnographic approaches intertwined with the artistic methodology, highlighting community contexts through personal diaries and experiencing the research process together with the students, since artography does not exempt me from participating in the process. The result were experiences that contributed to the identity expression of the riverside students in a decolonial insurgency. Once understood that the decolonial art-education can contribute to their school development, knowledge of being, knowing and being, in the identity emancipation as a riverine, it is possible to assign methodologies in the school space, which make visible and resignify situations of invisibility of their artistic making and confrontation of their oppressions of their environment and their place of speech in school. The justification considers the fact of being working effectively in the riverside school as an art educator, observing daily its identity place, and for being a place where the school is the initial field from which we see the being, knowing and being in the riverside community, which reverberate in difficulties and contexts of vulnerability; We also consider, the restriction of insufficient study material on decolonial art-education in the State of Amazonas having limited publications and to make the academic and scientific class know and stimulate the construction of other research on the subject analyzed here. The school where the research takes place is called Municipal School José Sobreira do Nascimento, and is located in the Community Nossa Senhora de Fátima, on the banks of the Rio Negro, in the riverside area of Manaus, and is the place where the Amazonian caboclo life of the waters and forests favors the interaction of their environment with the school activities under class guidance. To reach the Community, a 30-minute trip by river transport is necessary, starting from the urban perimeter, Marina do Davi towards Lake Tarumã-mirim. The works manifested by the students of Fatima want to show their doing, their identity and the possibilities of confronting the colonization of knowing, being and being through art, thus portraying their visual art, their music, their dances, their theatre making them aware of the importance of their manifestations.

Key-words: art-education; decoloniality; decolonial pedagogy; Nossa Senhora de Fatima; Amazonian peoples;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1. Trajetória da pesquisa à escola ribeirinha	06
CAPÍTULO I	
MEMÓRIA E IDENTIDADE	08
1.1 Fotografia e memória escolar	13
CAPÍTULO II	
CONHECIMENTO COMO PODER INVISIBILIZADO	18
1. Corpos da floresta.....	20
1.1 Eventos do beiradão.....	26
1.2 Teatro cabôco	28
CAPÍTULO III	31
MÃOS AMAZÔNIDAS.....	31
REFLETINDO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS CRIATIVAS.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICES	46
ANEXOS	58

INTRODUÇÃO

1. Trajetória da pesquisa à escola ribeirinha

Eis aqui um cenário amazônico de povos das águas e florestas, de contrastes e contextos singulares. O trabalho com arte e a importância de discutir a concepção de decolonialidade como pesquisa na escola, despertou o olhar minucioso sobre o início de tudo, no sentido de refletir sobre onde inicia o gosto pessoal pela arte, a influência do ambiente e cultura sobre o fazer artístico, o conteúdo que foi ensinado na academia, a professora que fui e almejo ser e de como se (re)conhecer de volta nos saberes, na arte, na educação, na formação e na práxis que hoje aponta os dispositivos moderno-coloniais de exploração e opressão.

O texto está estruturado em uma abordagem inicial sobre os objetivos gerais, específicos, justificativa, metodologia e a problemática, em seguida o primeiro tópico em que, aborda motivações pessoais e um memorial sobre identificações do lugar de identidade com um manifesto poético, em seguida um panorama de como iniciou a comunidade e a primeira experiência criativa de memória e identidade através da fotografia.

No segundo tópico discutiremos a compreensão de colonialidade e o conhecimento como poder; as experiências criativas corpos da floresta utilizando a performance como linguagem artística; a experiência criativa Eventos do beiradão, utilizando a pesquisa de música e dança; e por fim no terceiro tópico com a experiência criativa do Teatro Cabôco e para concluir a experiência criativa Mãos Amazônidas no fruir da linguagem visual.

Este artigo traz experiências pedagógicas da disciplina de arte, que agregam como estratégia metodológica decolonial, o fazer artístico dos estudantes, a pesquisa e o conhecimento crítico local na escola ribeirinha.

Deste modo buscou-se práticas criativas na arte-educação que contemplem os saberes identitários e que identifiquem o imaginário social dos alunos em contexto ribeirinho, por conseguinte vivenciar as experiências práticas coletivas e individuais expressões que denotem seu modo de resistir e (re)existir amazônida. Almejou-se elaborar também um documentário, como mostra de ação efetiva dessas experiências em arte-educação decolonial na Escola Municipal José Sobreira do Nascimento, e que sirva de elemento pedagógico-metodológico de investigação na comunidade Nossa Senhora de Fátima.

A metodologia é entrelaçada pela artografia e pela pesquisa etnográfica que ressalta o contexto local da pesquisa e expressões artísticas tornando-se um diário pessoal de convivência na comunidade, e no processo artográfico enquanto pesquisadora, arte-educadora e artista, sou constantemente provocada a buscar possibilidades, criar, construir e vivenciar o processo.

Nesse sentido a problemática reside na seguinte pergunta: É possível haver uma prática decolonial que contribua de maneira pedagógica e epistemológica nas aulas de arte da escola ribeirinha? É possível o enfrentamento à colonização do saber, visibilizando suas expressões, manifestos e toda a diversidade cultural amazônida?

As experiências aqui vivenciadas argumentam que arte-educação como insurgência de decolonialidade numa abordagem teórico-metodológica identificam sim práticas docentes que trazem novos significados e características de pertencimento relacionados ao contexto de ser, de povos das águas e das florestas.

Nossa Senhora de Fátima é uma comunidade em Manaus fora do perímetro urbano, o que a torna uma comunidade ribeirinha às margens do afluente Tarumã-Mirim, no Rio Negro e onde situa-se a Escola Municipal José Sobreira do Nascimento.

Não se nasce amazônida, torna-se! A afirmação é para dizer que nascer em Manaus não é garantia de que se respeite a cultura e compreenda as tradições, as relações com as florestas, com os territórios, com os animais e com as pessoas daqui. Há que tecer uma experiência vivida, àquela que criamos desde pequeno com os hábitos de banho nos igarapés e rios, subidas em açazeiros, brincar com as canoas, pescar nem que seja um minúsculo peixe, viajar de barco, ser obrigada a atravessar um terreno dentro d'água durante a cheia, tomar um chá sob os conselhos de um mais velho, lavar roupa e louça no giral ou num flutuante, comer peixe e entender o motivo de pedir licença ao adentrar na mata ou nas águas.

Há que tecer um olhar de compreensão e preocupação sempre que crescemos e vemos a transformação do que perdemos como hábito, seja por desvalorização, pela modernidade-colonial e pelas culturas de massa em geral.

Visibilizar essas e outras histórias do lugar de onde somos e estamos, é buscar e suscitar a importância da identidade e valorizar acima de tudo o poder da existência com direitos e expressões respeitados, o enfrentamento de resistir e (re)existir.

A arte educação decolonial pode ser uma estratégia de aprofundar investigações, de valorização do seu lugar de identidade, como também ajuda o professor a conduzir os alunos a terem as respostas aos seus questionamentos, de como buscarem em suas criações um conjunto de ações expressivas que deem voz e liberdade aos seus conhecimentos e saberes.

Decolonizar na arte-educação significa criar e potencializar processos que cultivem a (re)existência de sujeitos socioculturais, mediante criações, experienciar ideias e estratégias que tenham propósitos coletivos e/ou individuais nas linguagens artísticas.

A pesquisa também nos fez perceber que a temática decolonial em arte-educação tem sido pouco estudado no Amazonas, não tendo muitas publicações a respeito, pois acredito que em sala de aula já é feito por muitos educadores, mas, com poucas referências e aqui queremos visibilizar a pesquisa arte-educação na escola ribeirinha de Manaus e a partir do resultado desta pesquisa, possibilite que outros estudos sejam feitos ampliando a discussão para outros arte-educadores.

CAPÍTULO I

Memória e Identidade

Falar de identidade sem antes falar de memórias seria como não ter vivido, não ter histórias de família, não lembrar da infância, dos tempos de escola, das férias na comunidade Lauro Sodré, lugar onde meus avós moravam, no município de Coari, Amazonas.

Penso que identidade se constrói convivendo com hábitos e crenças particulares seja da família ou do meio cultural, e nem todo manauara é amazônida, pois já possui todas as regalias urbanas, sem as experiências físicas e sinestésicas de uma vida de povos das águas e florestas e por isso a afirmação de que, nascer manauara não é garantia de que se respeite a cultura e tenha hábitos amazônidas, posto que diminui a percepção/consciência amazônida de ser, também citei na introdução as vivências que tive na infância ao morar em uma comunidade ribeirinha.

Foram estas vivências que me fizeram buscar, compreender e procurar respeitar a identidade amazônida, e não somente ter na memória. Mais ainda como arte-educadora, numa volta do destino as vivências de 14 anos de profissão nas escolas do perímetro urbano não diminuíram meu entusiasmo, com a mudança para a área ribeirinha pelo contrário, me fizeram repensar meu estilo de vida, e qual seria de fato a identidade manauara-amazônida.

Como arte-educadora cito aqui trechos da música ‘saudade cabocla’ do artista amazonense Elias Farias (2017, p.21) como um manifesto de memória que torna vivo meu retorno na área ribeirinha ao ser recomendada lecionar em Nossa Senhora de Fátima:

Ouço plantas e bichos mantendo o meu pulsar
Deixo as águas dos olhos encher um novo rio
Sem tempo e terra prometida
Vou encontrando raízes pra ficar
Nas veias carrego a saudade
Na pele a textura e a idade
Relembro as antigas paisagens
No vento e na terra caída
Eu vivo por esse lugar

Afirmar e reconhecer minha identidade amazônida já é um posicionamento decolonial, deste modo, não só influencia na prática pedagógica, mas na práxis transformadora da realidade. Ou como afirma Paulo Freire apud Oliveira (2020):

Se os homens [e as mulheres] são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E na razão mesma, em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação.

Essa necessidade (insurgente) de reconhecermos nossos próprios saberes como amazônidas, nos faz refletir sobre nossas práticas docentes e, para isso, é preciso assumir uma postura decolonial antes do fazer pedagógico decolonial. Ainda sobre isso, Lino (2018) diz que:

É preciso estar presente nesse legado político epistemológico que se transforma em conhecimento de resistência, afirmação e conhecimento de existência, contextualizando e observando as nossas realidades, respeitar o lugar onde se está inserido, sem romantizar, mas ressignificar e trabalhar para o que pode melhorar.

Minha chegada a esta comunidade, foi pelo fato de ter feito o segundo concurso e desta vez para área ribeirinha, e antes de ir para a comunidade Nossa Senhora de Fátima, me designaram para a reserva ambiental do Arquipélago de Anavilhanas, no município de Novo Airão, minha ida coincidiu com o início da pandemia, logo então, tivemos que voltar, e o restante do ano de 2020 tivemos que aprender a encontrar meios de se chegar até os alunos com apostilas. Em 2021 ao iniciar o mestrado, na reserva estava sem internet e devido à distância fui enviada para outra escola.

Quando cheguei em Nossa Senhora de Fátima, à primeira vez ainda estávamos com as aulas remotas devido a pandemia, ou seja, os alunos recebiam as atividades pelo celular ou iam buscar apostilas na escola.

Em Fátima há apenas uma escola municipal, que acolhe educação infantil, ensino fundamental dos anos iniciais e fundamental anos finais, Escola Municipal José Sobreira do

Nascimento, e onde o acesso à comunidade acontece por duas vias, uma por estrada de terra, através do Ramal Pau Rosa km 21 – BR174 e a outra pelo rio Negro, que é a mais utilizada pela população e pelos professores também. E mesmo fazendo parte de Manaus, conserva hábitos tradicionais que já foram deixados por muitos na população urbana de Manaus.

O caminho pelo rio negro começa pela Marina Davi, que funciona um porto de entrada e saída de lanchas, canoas, iates, barcos e rodeada em seu entorno por flutuantes que trabalham alocando lanchas, barcos e iates privados.

A pandemia escancarou ainda mais essa distância, pois confirmou-se que mais da metade dos alunos da escola não tem acesso à torre de sinal de celular e muito menos acesso à internet, muitos não tinham como conseguir comida no prato, quiçá crédito para ter acesso à internet.

Nosso único modo de estreitar o aprendizado à distância, foi responder às mensagens dos poucos alunos que tinham celular, e mandar cartas para conversar com alguns que se dedicavam a escrever. E nesse contexto dada a realidade, entendemos como “uma Amazônia feita de carne e osso, de encantos e desencantos, de natureza e gente.” FARIAS (2017)

Às 6h30 da manhã, a lancha parte do porto Marina do Davi, (zona centro-oeste de Manaus) levando professores e alunos residentes de flutuantes. Um amanhecer sob as águas, solfeando as nuances do rio, rumo à algumas comunidades para buscar os alunos e só então segue para a Escola Municipal José Sobreira do Nascimento.

Acordando nossas mentes ao longo da viagem para a imensidão e curvas dessa rotina amazônica, apreciando as árvores, os pássaros, vejo os canoeiros no sentido contrário, que lá se vão muito cedo para a “cidade”, em busca de ganhar seu pão de cada dia. Ao longo da viagem também é possível acompanhar a ida de outras lanchas escolares para outras comunidades, também é possível avistar a praia da Lua, famosa por atrair banhistas e turistas em época de seca.

A ida de professores e alunos até a escola já é o retrato desse modo amazônico, relacionando-os a essa hidrologia fluvial que rege os movimentos, a visualidade, o comportamento e o expressar dos alunos, dos trabalhadores e moradores que sempre se locomovem pelos rios.

Nesse sentido, trabalhar com experiências em práticas pedagógicas decoloniais na escola ribeirinha é mostrar uma realidade com várias curvas, onde a cada curva se encontra um desafio, um desencanto e encanto, de se surpreender com as habilidades e resistência deles.

É quase impossível falar sobre a Amazônia, tratar sobre os lugares, sobre as comunidades, sem fazer referência aos rios, esses que são as ruas por onde deslizam os barcos e canoas, voadeiras e rabetas, e através dos quais os homens que vivem nas comunidades amazônicas [...] transitam e estabelecem seus comércios. Na Amazônia, comunidades e rios se cruzam, formam um labirinto perfeito. As Comunidades perfilam-se, emendam-se numa quase silhueta. (TELES, 2017. p.28)

Sempre se ouve na Comunidade Nossa Senhora de Fátima a seguinte frase: “Preciso ir ao médico lá em Manaus” ou “preciso tirar um dia para fazer minhas compras lá em Manaus” e isso causava uma certa confusão na cabeça, justamente por entender que Fátima também é Manaus. Mas o tempo foi passando e até eu mesma por questão de convivência às vezes digo que preciso chegar em Manaus. Essa noção de distância, também acontece pela disparidade de tudo o que não se consegue fazer em Fátima, pois não há bancos, lotéricas, pronto socorro, supermercados grandes, lojas de roupas, ou seja, sempre teremos que nos deslocar se quisermos cumprir necessidades básicas. A exclusão denuncia o lugar de fala que Fátima se encontra, a economia que se baseia na venda de alimentos, muitos vendem peixe na entrada da comunidade, ou vão para o porto de Manaus, outros vendem verduras, e há pequenos mercados e lojinhas de material de construção na área central, não há policiamento e o asfalto só existe em uma única rua, também na área central da comunidade.

A história de Nossa Senhora de Fátima vem de uma construção de luta e resistência do sujeito subalternizado, de uma família que saiu do seu lugar de nascimento, em busca de melhorias, o que historicamente é a trajetória do povo, retrato das massas e camadas populares.

A história começa segundo Teles (2017) com um homem chamado Nelson, que sai do município de Coari com mulher e filhos, vindo de ondas migratórias em busca de melhores condições e se fixa no bairro flutuante de Manaus que existia na orla do bairro Educandos nos anos de 1960, mas, ele permanece por pouco tempo. Sobre esse contexto Costa Júnior (2010, p.191) afirma que no “intuito de melhorar a aparência da orla de Manaus para atender, por conseguinte, aos ideais do Parque industrial de Manaus em 1967, o governador do Amazonas, naquela época, Arthur Reis, removeu os moradores da Cidade Flutuante [...]” (Apud Teles, 2017); esse processo fazia parte da política de embelezamento da orla da cidade de Manaus.

Expulso da orla, o Sr. Nelson então inicia sua saga em busca de lugar para se fixar, como canoeiro sem rumo com seu flutuante, então segue o curso do rio e encontra as terras da Praia da Lua (como é conhecida hoje), onde inicia sua instalação e inicia atividade de carvoeiro, porém, em pouco tempo ele descobre que as terras já tinham dono e pertenciam ao Sr. José Sobreira do Nascimento.

O homem Nelson, foi pela segunda vez retirado do lugar e novamente segue navegando com sua família adiante, e se instala onde hoje é a comunidade, e na tentativa de não ser expulso novamente pelo mesmo dono do conjunto de terras da praia da lua, pede emprego ao dono da terra, como forma de continuar morando enquanto empregado.

O tempo passou e quem assumiu a batalha pelo direito de moradia foi o filho, sr. Romildo, que juntamente com o pai cria o que vamos chamar dentro da perspectiva decolonial um movimento de resistir para existir, e sobre este fato:

A permanência nas terras onde se situa a comunidade de Fátima, foi cedida para o pai do sr. Romildo para que o mesmo passasse a residir com a sua família. O local cedido, embora oferecesse possibilidade de moradia era isolado e não dispunha de nenhuma infraestrutura, o que passou a ser motivo de inquietação anteriormente. [...] A apresentação dos motivos do Sr. Nelson e Sr. Romildo acerca da necessidade de formação da comunidade ao Sr. José Sobreira do Nascimento, foram expostos a partir da necessidade que estes tinham de estudar, ir à igreja e um local para a prática desportiva do futebol, sendo relatados por ambos os sacrifícios que faziam ao irem de remo até Manaus. (TELES, 2017, p.38-40)

A batalha da família do sr. Nelson atua como movimento de resistência em prol de conseguir terra para morar, e um lugar digno para trabalhar e sobreviver. A persistência deles fez com que anos mais tarde o sr. José Sobreira autorizasse a permanência e o desarrendar de terras para a formação de uma comunidade.

A importância de se estudar que era uma inquietude do sr. Romildo, foi alcançada pela pastoral da igreja católica. Tempos depois foi erguida em madeira um grupo escolar que abrigava 40 pessoas e um anexo-casa para receber uma professora vindo de Manaus. Teles (2017) afirma que:

Por incentivo das atividades pastorais da igreja católica, iniciou nesse período um grupo de estudos, com apoio do governo em parceria com a CNBB, [...] que cedia um professor para alfabetização de adultos. Os estudos eram realizados na casa do sr. Nelson, [...] ministradas para doze alunos todos adultos. A escola foi inaugurada em 29 de outubro de 1981.

Hoje a escola, que foi inaugurada em 1981 com o nome do dono daquelas terras, José Sobreira do Nascimento funciona atualmente com 8 salas, uma pequena biblioteca, pedagogia, quadra coberta, refeitório, cozinha, sala de informática, sala dos professores e secretaria, funciona com dois micro-ônibus e uma lancha que busca e leva os estudantes mais distantes, mas, não temos uma sala ou espaço para as atividades de artes. A escola recebe alunos tanto da própria comunidade, quanto de ramais (estradas com sítios, fazendas e outras residências) e

outras comunidades próximas de Fátima. Logo, a escola se difere de outras comunidades por ter um número maior de estudantes, não há seriado em classes e nem calendário itinerante.

E por não ter espaço adequado para as aulas de arte, acaba retratando a realidade de muitas escolas pública, no sentido, de acesso a materiais pedagógicos e condições físicas para as aulas de arte, desse modo o professor acaba se vendo sozinho a repensar seus métodos, mas, com a possibilidade de alcançar estratégias de pensamento autocrítico e crítico da realidade para cidadãos conscientes transformando sua realidade oprimida.

Ao observar o que acontece no contexto de experiências cotidianas da escola, o aluno começa a perceber algo errado, mas nem sempre a questionar sobre situações de desigualdades no seu próprio meio social, cultural, político e sócio-histórico.

A partir do momento que observo à primeira vista a comunidade, me lanço com essas experiências na tentativa de descobrir mais sobre essas pessoas e este lugar. A primeira experiência criativa de memória e identidade vem da necessidade de eternizar rostos, histórias e vidas após a pandemia, memorizar os lugares próximos da escola, o cotidiano dos alunos ao chegar na escola, depois de um longo tempo de enclausuramento que ninguém conhecia chamado quarentena, e sobre o ensino híbrido ou à distância que aulas remotas não existiu para muitas realidades ribeirinhas e a perda de pessoas por um vírus chamado COVID-19 que atingiu o planeta, por fim também visibilizar o aluno em seu contexto identitário.

Quanto as aulas à distância na pequena Nossa Senhora de Fátima, nem tudo funcionou como era para ter sido, afinal fica a pergunta: aulas remotas somente para quem? Se numa comunidade tão distante que mal pega sinal de celular, onde são poucos os pais que têm celular, quem dirá internet, quem dirá alunos com celulares. A realidade virtual passou bem longe de muitos alunos, na área ribeirinha e acredito também de tantos outros lugares.

Na escola José Sobreira nossa alternativa, foi produzir apostilas, imprimir-las, receber e mandar bilhetes e cartas para a comunicação. Inclusive os motoristas de lanchas e ônibus escolares trabalharam muito nesse período, e o restante se dirigia até a escola para buscar suas tarefas. A grande cheia afetou muitos moradores da beirada e arredores da comunidade, e assim, o retrato dessa educação durante a pandemia vai mostrando o que as pessoas pensam e pensavam de aulas remotas. É triste ressaltar que a pandemia também determinou quem pôde e quem não pôde se proteger em suas casas, muitas pessoas continuaram trabalhando expostos, e na escola não foi diferente.

1.1 Fotografia e Memória escolar

Durante a quarenta em Manaus, andei vasculhando documentos em casa, e foi então que achei um diploma da infância escolar, onde mostra, eu sentada numa mesa, com livros, e a bandeira do Brasil ao fundo. Levei para a escola, nos primeiros dias de aulas presenciais de 2021.

Na escola foi possível refletir em sala de aula sobre nossa memória pessoal, sobre a perda de colegas, funcionários e professores, sobre a pandemia no Amazonas que segundo a Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas (FVS-AM) contabilizam 14.422 mortos e a importância de cada um deles enquanto memória na escola. Na estratégia metodológica pedi aos colegas professores que tivessem memórias escolares, que levassem para a escola e assim iniciei a abordagem mostrando aos alunos. Refletimos em sala de aula que a memória deles enquanto alunos também é importante na escola, pois a escola só existe com eles. Nesta análise de fotos de professores na infância eles perceberam que cada fotografia retratava uma fase da vida escolar, um lugar diferente para cada um, e que o rosto, cenário e os objetos contêm histórias. Após as leituras de imagem, formalizei a atividade da sessão de fotos, e muitos gostaram, já outros, durante a experiência tivemos alunos contraditórios a tirar fotos, por motivos pessoais de não se acharem bonitos o bastante, tímidos ou não gostarem de fotos, e então conversamos sobre padrão de beleza imposto pela sociedade, a autoestima baixa, a não identificação com sua imagem e a não-beleza do ribeirinho.

Outra estratégia gerada nessa experiência foi trazer os moradores mais antigos de Fátima para contar um pouco de suas histórias e sobre a história de Fátima.

Quando indagados pela pergunta de saber se conheciam a origem de Fátima, a maioria não sabia, apenas dois estudantes levantaram a mão dizendo conhecer parentes do primeiro morador de Fátima.

As turmas selecionadas para as fotos foram 8º e 9º ano, pelo motivo de serem as turmas que em breve sairiam da escola e não poderiam sair sem antes conhecer a história do lugar onde moram. O perfil deles era diversificado, alguns moram próximos da escola, na área movimentada, outros por sua vez são moradores de estradas, ramais ou outras comunidades, e isso permite interpretar que as vivências são completamente diferentes, no acesso à tecnologia, nos eventos culturais, e muitas outras questões. Como atividade pedi que escrevessem um memorial de como suas famílias chegaram até Fátima e quem foram seus primeiros parentes, e foi possível descobrir muitas histórias pessoais da migração de seus parentes até Fátima, muitos vieram de outros municípios do Amazonas em busca de melhorias, outros vieram para trabalhar

como caseiro em sítios e as famílias foram ficando e encontrando espaço para permanecer e morar. E entre uma história e outra fomos delineando a formação posterior à chegada da família do sr. Nelson.

Foto: diário da identidade



Fonte: arquivo pessoal, 2021

O diário de identidade descreve nome completo, idade, lugar que mora, tipo de casa, lugar que gosta perto de casa, como se diverte, qual o primeiro parente chegou na comunidade, sua cor, se pertence a uma comunidade indígena ou se tem parente, se pertence a uma comunidade quilombola ou se tem parente, se gosta do seu cabelo, dos seus olhos, do seu sorriso, e pergunto se eles gostam da sua aparência física. Também pedi desenhos de suas casas, desenho dos seus animais, desenho do seu quintal.

Valorizar suas imagens no espaço escolar e também no entorno da escola, já mostrava bastante suas características próprias. Durante a sessão de fotos A primeira sessão foi individual e mostra seus rostos, com máscaras em ambiente escolar, expressando visualmente um fato histórico, e faz com que a fotografia seja uma fonte de pesquisa e que mostra a mudança de comportamento dentro da escola, obedecendo o distanciamento seguro como protocolo de segurança. Desta primeira sessão foi impresso um certificado de memória escolar, e entregue aos estudantes. A segunda sessão foi de formatura, e na realização houve a procura de um lugar para a realização das fotos, e encontro o lugar perfeito, ou comum, para eles, um quintal vizinho, próximo da escola com bastante verde, na beirada de um igarapé, foi emprestada uma canoa e assim fizemos as fotos comuns desse cenário amazônico radiante, a fotografia retrata a mudança da natureza, a vazante do rio, as canoas que são o transporte mais comum para a maioria dele.

As imagens são uma narrativa não somente subjetivas, mas também simbólicas desse lugar, a cultura e os modos de ser. Trabalhar a memória sob a face da identidade vem com o objetivo não só de identificação através da fotografia, mas também veio com a leitura de apreciar o que lhes rodeia, as fotos também falam da pandemia, que nos deu a interpretação do contexto no uso de máscaras registrado para sempre em nossas memórias.

Foto: registros da sessão de fotos da E.M José Sobreira



Fonte: arquivo pessoal 2021

Um trabalho onde o retorno das aulas trouxe um incentivo de registrar a importância dos alunos na escola, fotografei os estudantes para o certificado de memória no espaço escolar e fora da escola, dentro de uma canoa, em meio a exuberante floresta que os circunda diariamente. Esta experiência traz uma ação artográfica no qual o meu certificado escolar e dos colegas professores, gerou um processo de investigação e reflexão e incluiu os alunos.

O resultado foi o olhar de alegria de terem suas fotos impressas, alguns disseram não ter fotos impressas individualmente, e isso serviu de autoestima, a turma de certa forma também gostou por terem suas fotos no ambiente escolar, outros disseram que iriam sentir muita falta da escola.

foto: fotos de formatura em período de seca



fonte: arquivo pessoal. Outubro 2021

Descobri pela própria gestora que não há escola de ensino médio para oferecer a continuação dos estudos com qualidade, e segundo ela somente no turno noturno da escola, foram cedidas algumas salas para o ensino tecnológico à distância através de uma TV.

Ao saber que não há escola de ensino médio na Comunidade e como falta rotineiramente luz, a maioria dos estudantes perde o interesse e poucos são os que conseguem pagar transporte hidroviário para chegar até a área urbana e completar os estudos, por vezes alguns encontram parentes que os aceitam como “hóspedes” enquanto estudam na cidade. Compreendi “destinos”, numa espécie de pré-determinação onde quem não tem parentes para hospedar seus filhos está fadado ao sair da escola José Sobreira, parar os estudos, matar o sonho de continuar os estudos, formar famílias, e encontrar formas de sustentar mais uma família em Nossa Senhora de Fátima.

A fotografia de colação de grau é um sonho resistente e persistente de ir mais adiante em busca de melhorias e continuação de seus estudos. E como arte, a fotografia vem para tocar e ser sentida ao gosto de cada contexto e sensação. Assim digo, após um relato de uma mãe que disse ter colocado na sala de casa a fotografia e sentiu um forte desejo que a filha “continue o ensino médio e quem sabe entre para uma universidade.” Como mostra na foto abaixo:

Foto: sessão de formatura José Sobreira do Nascimento



Fonte: arquivo pessoal. (2021)

Todo mundo tem uma memória, e a fotografia torna-se uma, retrata o comportamento, vontade de potência e ter esse jeito visibilizado, é poder, sentir que pode se expressar para o

mundo sem medo, não é apenas abertura do que se ensina, mas, o jeito que existe a troca da arte com os estudantes e moradores de Fátima.

CAPÍTULO II

CONHECIMENTO COMO PODER INVISIBILIZADO

O saber do povo ribeirinho das águas e florestas não é validado pela sociedade, e é urgente que se enxergue os lugares amazônidas para além do seu bioma, e é essa leitura de mundo que a decolonialidade quer justamente romper, e propor alternativas, para quebrar a lógica que sustenta a invisibilidade do saber local e que funciona como subalternização e manutenção da colonialidade. A pedagogia decolonial junto com a arte-educação quer aprofundar, trazendo consciência dos seus sentidos, do seu lugar, do saber e permitir criar e expressar sem repressões.

O conceito de decolonialidade abrange correntes históricas e filosóficas que fazem todo o sentido, relacionado a compreender o colonialismo, quando delineadas de um caminho lógico-argumentativo que alguns pensaram ter finalizado, mas, eis que perdura como colonialidade, sendo apenas uma nova máscara subjetiva de poder onde segundo Dias e Abreu (2021) define como um “conjunto de forças interiores que mantêm hierarquias distintas sobre expressões existenciais entre povos dominados e dominadores.”

Os filósofos, historiadores, antropólogos, sociólogos e até educadores que se propuseram a aprofundar esses estudos, criaram e movimentaram um grupo de estudos chamado de Rede Modernidade/Colonialidade (M/C), e assim puderam evidenciar o fato de que a história tem dois lados, e assim como uma moeda, assim também é a colonialidade, com sua outra face chamada modernidade.

A modernidade foi uma invenção das classes dominantes europeias a partir do contato com a América. A modernidade não foi fruto de uma autoemancipação interna europeia que saiu de uma imaturidade por um esforço autóctone da razão que proporcionou à humanidade um pretenso novo desenvolvimento humano. (LIMA, DIAS ET AL, 2021, p.25)

Dos conceitos na perspectiva teórica M/C como fundamentação de dominação estão: a colonialidade do ser e colonialidade do saber

A colonialidade do ser, tem relação direta com a dimensão da existência humana, nesse sentido, o entendimento do que é humano está vinculado a uma imagética branca, masculina,

capacitista, ciscentrada, eurocêntrica, e essa compreensão de humano vai reverberar na ótica do poder, e dentro dessa construção da modernidade ocidental o humano é um animal racional e que, entre razão e emoção, a razão está no topo e eles vinculam o poder à perspectiva da razão. Quem é detentor da razão ocupa os espaços de poder.

São as pessoas que estão no poder que estabelecem quais conhecimentos devem chegar até a escola. Obviamente isso vai impactar na manutenção da colonialidade do saber, determinando quais saberes devem ser acessados pelas camadas populares.

Assim, a colonialidade do poder reprime os modos de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos. Essa operação se realizou de várias formas, como a sedução pela cultura colonialista, o fetichismo cultural que o europeu cria em torno de sua cultura, estimulando forte aspiração à cultura europeia por parte dos sujeitos subalternizados. Portanto, o eurocentrismo não é a perspectiva cognitiva somente dos europeus, mas torna-se também do conjunto daqueles educados sob sua hegemonia. (OLIVEIRA; CANDAU. 2020, p.19)

Ainda nessa mesma perspectiva teórica M/C dos conceitos sobre colonialidade do saber é o do racismo epistêmico, onde não se admite reconhecer o fazer “do outro”, e sobre isso Oliveira (s/d) afirma que:

Foi necessário operar também a negação de faculdades cognitivas nos sujeitos racializados. Neste sentido, o racismo epistêmico não admite nenhuma outra epistemologia como espaço de produção de pensamento crítico nem científico. Isto é, a operação teórica que, por meio da tradição de pensamento e pensadores ocidentais, privilegiou a afirmação de estes serem os únicos legítimos para a produção de conhecimentos e como os únicos com capacidade de acesso à universalidade e à verdade.

Obviamente que nesta composição do saber está também inserido a cultura, pois, nos hábitos culturais é possível notar hoje a massificação em detrimento do reconhecer o que é próprio de cada lugar e cada povo.

Mas a secularização dos campos culturais, a produção auto-expressiva e autorregulada de práticas artísticas e políticas, a racionalização da vida social e o crescente individualismo, todos eles considerados como as principais fontes da emancipação moderna, coexistem na América Latina com fundamentalismos religiosos e étnicos, com analfabetismo e arranjos arcaicos de poder. (CANCLINI, 1997, p.111. tradução nossa)

Para isto, entendemos que nessa abordagem, o conhecimento do outro, que não está inserido neste padrão não é validado. Então aqui, queremos na disciplina de artes criar possibilidades de que suas expressões possam emergir no campo da resistência para (re)existir, na busca de que sejam diferenciadas a partir das experiências artísticas.

Nesse sentido, abordando o conhecimento como poder, e refletir as experiências criativas à luz da teoria bem como a utilização da linguagem artística como experiência de arte-educação decolonial temos as próximas experiências: corpos da floresta e eventos do beiradão.

2.1 Corpos da floresta

A prática artística Corpos da floresta inicialmente veio com o meu experienciar em outras linguagens, em presenciar performances, danças e leituras. E a expressão corpo da floresta vem de um termo criado pela artista amazonense e professora Yara Costa em sua tese de doutorado no qual cria um manifesto em 2019, fazendo a seguinte problemática: “O que pode ser feito para modificar a lógica da exclusão que marca os corpos da floresta?” (PASSOS, 2019, p.111)

Que sejam corpos da floresta aquele rio que segue.
Que sejam corpos da floresta a erguer futuros verdes,
A espalhar raízes profundas nos beiradões da mata.
Que sejam corpos da floresta a se multiplicar
Infinitamente para sustentar o céu.
(PASSOS, 2020, p.54)

Sua pesquisa intitulada “Corpos da floresta: experiências para resistir” fala das experiências e investigações a respeito da representação dos corpos que aparecem nas literaturas, nos jornais com suas implicações políticas e a infinidade de termos e olhares de exotização e objetificação dos corpos da floresta.

Com o propósito de provocar o estudante por meio da performance como linguagem artística para uma percepção sensível do ambiente, a reflexão, a imaginação, a interpretação e a experimentação de visões diferenciadas do seu lugar, procurando também abordar essa realidade de forma subjetiva, relacionando com concepções que geram fenômenos para essa interpretação aprofundada e de como cada corpo constrói essas significações.

O corpo que estamos considerando como corpos da floresta integra um complexo com diversas linguagens, a saber: indígenas, negros, imigrantes [...]. Todos atuam como agentes formadores e transformadores desses corpos, com crenças e costumes em incessante movimentação descontínua, na qual cada contato com pessoas, lugares, objetos, tecnologias, etc. desencadeia novos estímulos na forma de viver, interrompe ou instaura novos modos de pensar. (PASSOS, 2018, p.36-37)

A performance como linguagem foi elencada como experiência do corpo-floresta, em que se trabalharam na disciplina de artes o movimento, a sensação sinestésica daquele corpo

específico, representando e ressignificando as metáforas construídas no/sobre o corpo com o tema escolhido por eles próprios.

A pesquisa também teve outros artistas como referências e cito aqui a professora Lenira Rengel que também é dançarina e coreógrafa. Com ela temos um entendimento de corpo, movimento e dança muito mais amplo e que “é importante ficar claro que a ideia de que mente é uma “coisa” e corpo, outra “coisa”, não faz parte do nosso entendimento.” (Rengel, 2004, p. 01). O outro artista amazonense, performer e bailarino que nos chegou como referência é Odacy Oliveira, um corpo amazônida que segundo ele investiga a interligação natureza/cor/corpo em vídeodança, performance e vídeo. Odacy propõe em seus trabalhos as experiências e entendimentos sobre o contexto amazônico ancorados nas dimensões das ancestralidades e metafísicas. A pesquisa sobre estes artistas e seus trabalhos me deram suporte teórico e prático para conduzir as abordagens, os exercícios e as experiências.

Os participantes com idade entre 13 e 15 anos onde a maioria deles, com a crença de que “homem não dança”, as meninas muito tímidas frequentadoras de pequenas igrejas na comunidade. As abordagens foram feitas com rodas de conversa sobre a importância do corpo se expressar, de o corpo poder dizer algo com poucos movimentos, abordagens com exposição de vídeos e textos escritos sobre os conceitos de performance, também de maneira prática e exploratória, exercícios de consciência corporal, contato e improvisação, contato com a natureza e observação do ambiente na comunidade. No desenrolar dos procedimentos, os estudantes foram escrevendo seus próprios programas performativos como parte das atividades da sua experiência artística, tornando-se uma importante coleta de dados; escreveram ações, condições e o estado emocional, cenários expressos por algum tema que eles próprios escolheram em seus estados de inquietação e reflexão sobre o tema. Na foto abaixo temos um dos exercícios de primeiro contato com o ambiente, no processo de suas performances.

Foto: movimentos em contato com a natureza



Fonte: arquivo pessoal, 2021

A ideia era trabalhar estados e movimentos do imaginário social, a conexão de seus corpos com tudo o que é perceptível a eles, os sons dos pássaros, o movimento do banzeiro, o banho de rio, as plantas, árvores em pé, o lixo jogado, árvores cortadas e queimadas, a prostituição, a solidão do morador ribeirinho, as drogas, que também tem em Fátima.

Houve preparação corporal e mental antes das práticas para estes que, agora tornam-se corpos da floresta, ao saírem do espaço escolar estivessem seguros de expressar sua ideia criativa. Como forma de registrar essas experiências foram tiradas fotos para arquivo (foto-performance) para evidenciar seus trabalhos. Combinamos que todos sairiam em silêncio e assistiríamos um a um, individual e/ou coletivo, até o término das últimas experiências. Disse a eles que não estaríamos como público, mas como corpos florestais que fazem parte do ambiente, que estariam ali apoiando cada ação de cada colega, sem dizer ou esboçar qualquer palavra ou gesto.

Alfabetizar os [*corpos-territórios*] não garante torna-los sujeitos portadores de criticidade. Alfabetizar para a democracia exige da educação o desenvolvimento do educando que confronte, tensione, seja partícipe ativo das contestações de tudo que circunda o seu [*corpo-território*]. (MIRANDA, 2020, p.39)

No primeiro dia das ações, todos estavam apreensivos de quem seria o primeiro a experienciar, disseram que estavam com “vergonha dos moradores” que os olhassem, foi quando lhes disse que eu seria a primeira pessoa, para que eles se sentissem seguros, e que o tema estudado se aplicava a mim também, não por ser somente a professora mas também, por

ser artista, por estar ali também com o meu corpo pronto a interagir com as minhas percepções sobre a comunidade, sobre isto cito meu próprio programa performativo que obedece as seguintes ações:

Local – terreno ao lado da escola

Situação – há alguns dias, que chego na escola e vejo os vizinhos, queimando pedaços e galhos de árvores em seu grande e espaço quintal, ouço barulhos de motosserra, ouço o estrondo delas caindo, o cheiro de fumaça exala por toda escola.

O sentir – minha vontade era chegar lá e me agarrar a esses pedaços, confrontarem o porquê das atitudes, pedir que parem de queimar e cortar.

Ação de protocolo – antecipadamente falar com os donos do local e pedir autorização para utilizar o espaço para uma performance no qual o público são os alunos. chegar no espaço delicadamente e me movimentar sutilmente tocando e sentindo os galhos, os pedaços cortados, o entulho queimado, tocar nas cinzas.

Estado emocional - me tornar parte daquela dor, daquele ser cortado, queimado, co-sentir num estado de corte/morte.

O programa performático, esteve para nortear as ações e as reflexões concatenando com a capacidade criadora e de como ela pode se aproximar da realidade deles. Na foto abaixo temos a performance que abriu as experiências para os corpos da floresta.

Foto-performance: Estado da arte em ambiente de corte/morte.



Fonte: arquivo pessoal, 2021

A performance dos alunos um a um foi acontecendo e me surpreendi com as suas ações performativas. Houve dificuldade? Digo-lhes que sim, pois quando se vai trabalhar em sala de aula com o corpo, encontramos nos alunos uma série de resistência pessoais, criados ou impostos e a crença de que o conteúdo só precisa ficar no escrito e lido. Dificuldade pessoal? Sim. Reconhecer e admitir também que o meu próprio corpo também tem suas resistências, não é fácil, diante da situação em que se pensa numa experiência, sem antes vivenciá-la enquanto artista, enquanto arte-educadora.

Por não ter formação nas artes cênicas ou mesmo na dança, me lancei no desafio de experienciar, ir em busca de conhecer todas as potencialidades que meu corpo puder ser no fazer artístico, sair do “conceito Gabriela” de que me formei na área musical e morrerei apenas com o que foi aprendido, e as outras linguagens deixo por conta dos livros didáticos, leituras de artigos e livros de arte-educação. Penso que, o fato de o currículo escolar englobar as quatro linguagens e não há como me desvencilhar em sala de aula desta realidade e de me isentar de ministrar conteúdos interdisciplinares em arte. Isto não quer dizer que não possa vivenciar, e entrar no processo das outras linguagens, acrescentando reflexões e críticas pessoais do que o meu corpo é capaz de alcançar expressivamente através de outras linguagens.

Há muitas contradições entre os arte-educadores quando falamos desse currículo que contém várias linguagens artísticas, discursos de que uma não se preenche da outra e nisto não me aprofundarei, pois apenas citei uma reflexão pessoal depois de me lançar nas outras linguagens e a partir dessas experiências dizer de fato, o que aprendo e o que não quero aprender. Quem sabe também entender os reflexos coloniais na formação profissional para o ensino de artes.

Em suma, apenas refletindo sobre o meu processo de performar com os corpos da floresta e não apenas ditar a eles, digo que aprendi muito, e enfrentei meu próprio ofício como arte-educadora.

Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e procura. Exige reinvenção. (FREIRE, 1999, p.97 APUD MIRANDA, 2020, p.40)

Esse discurso de Freire me deixou perplexa, numa interpretação e no desafio de autoatualização que eu deveria ter comigo mesmo, de me superar e sair em busca de experiências como artista, arte-educadora e não somente como pesquisadora. Foi tão forte no sentido de pensar que, esquecemos o quanto nossos corpos e nosso comportamento em sala de aula é absorvido como conhecimento e não somente como exemplo a admirar ou detratar. Esse mesmo discurso me faz compreender (e mais ainda nesse tempo de eleição) que a aprendizagem é absorvida por todas as nuances da prática, do posicionamento político, religioso e sociocultural do professor e não somente do conhecimento teórico que ele atravessa com os estudantes.

O corpo-floresta conseguiu se expressar com performances curtas, mas com, muito potencial. O próprio repertório de imagens mostra um pouco de suas características sociais, de paisagem, fazendo com que os estudantes diagnostiquem sua vida em nossa Senhora de Fátima, um fazer de si e de seu ambiente.

Foto-performance: Conectadas



Fonte: arquivo pessoal. (2021)

Essas performances ousam esperar sustentando uma insurgência que venha fazer sentido na vida do educando. É enxergar o caminho da libertação de seus sentidos, sua criatividade, pensamento autocrítico, e identificação do seu próprio ambiente, da sua vida comunitária.

Catherine Walsh aponta o conhecimento crítico, reflexivo, plural e ancestral como possibilidade de desestabilização dos processos de manutenção da opressão. Compreendemos então que o arranjo teórico e prático da Pedagogia Decolonial e sua articulação com a interculturalidade crítica é um espaço possível para se pensar os desafios da Educação popular, associando a este pensamento um delineamento de práticas educativas libertadoras capazes de ler o mundo e transformá-lo. (LUCINI, SANTANA, 2019, p.119)

Para a educação ribeirinha de povos das águas e florestas, não basta apenas o conteúdo, é necessário emergir, mostrar e manifestar seus direitos de estar, ser e pensar, e a decolonialidade como afirma Lino (2018) “é um conhecimento que não se organiza somente na teoria, mas nas práticas sociais, culturais e nas práticas pedagógicas tornando os saberes emancipatórios e renovadores.”

Pensar em Arte- Educação decolonial segundo Moura (2019) não implica deslegitimar os conhecimentos em arte na perspectiva europeia (diferente de uma perspectiva eurocêntrica); implica necessariamente, legitimar os saberes em arte de matriz latina, indígena, cabocla, negra, afro-indígena.

2.2 Eventos do Beiradão

Os eventos do beiradão chegaram de forma espontânea como expressões artísticas na comunidade Nossa Senhora de Fátima. Por isso a pesquisa incluiu estudantes e comunitários que vivenciam essas experiências de festas.

Ao contrário das experiências de memória, corpos da floresta, mãos amazônidas e o teatro cabôco, os Eventos do Beiradão por sua vez retratam as manifestações de expressão artística, a saber onde a música e a dança se situam nos espaços de Fátima, e como acontecem.

Achar que na sabedoria popular, nos eventos populares, nas festas folclóricas, na medicina natural não há conhecimento, ou concluir que ele parte somente de quem a razão ousou alcançar a ciência é um tremendo engano. Eles estimulam o pertencimento, a identidade e o saber ancestral, além de expandir as expressões culturais do lugar.

Os eventos de tradição em Nossa de Senhora de Fátima são os festejos de São José em março, São Francisco em outubro, festa junina no mês de junho, e ao longo do ano há eventos em que os músicos da própria comunidade participam.

Duas pessoas muito importantes nesse fazer cultural é o sr. Edison Santos da Costa e Bruna de Castro Melo, que autorizaram difundir suas atividades nesta pesquisa.

O senhor Edson da Costa durante o início do ano coordena os ensaios da quadrilha Amigos na Roça, e iniciou os ensaios juntamente com seus irmãos após chegarem na comunidade na década de 90 com os pais. Aos poucos incluiu os outros comunitários, somando ao todo trinta brincantes que movimentam não só a comunidade Nossa Senhora de Fátima, mas também outras comunidades como Livramento, Abelha, São José e outros em época de festas juninas.

A quadrilha Amigos na Roça participa dos festivais de festa junina em Manaus sempre que pode, pois não é sempre que conseguem transporte hidroviário e/ou urbano para chegar e participar dos festivais folclóricos. Segundo o sr. Edson eles também conseguem doações de roupas e indumentárias de amigos de outras quadrilhas, o que ajuda muito nas confecções de suas roupas.

A turma de 8 ano da escola José Sobreira iniciou a pesquisa não somente por incentivo meu, mas, também pelos questionamentos a respeito de quem gerava eventos culturais em Fátima. Descobri por eles que muitos estudantes e funcionários da escola participam de festejos culturais, que inclusive dançam também em outras comunidades a convite para disputas e/ou eventos.

Dona Bruna é funcionária da escola e participa não só na quadrilha como também nos festejos de São Francisco e São José promovido pela Igreja Católica em Nossa Senhora de Fátima. Segundo ela, durante os festejos juninos há também a dança do Tipiti e do Jacundá.

Durante a pesquisa os estudantes relataram que a dança do Tipiti ou “dança-do-pau-de-fita” são dançados em círculo, alternando homens e mulheres no qual há um tronco (mastro) no meio do círculo, e nele são amarradas várias fitas de tecido que são trançadas pelos próprios participantes na hora da dança. As músicas para a dança do Tipiti são tradicionais de quadrilha.

A dança do jacundá faz referência a elementos da pesca, o próprio nome da dança é o nome do peixe jacundá. Esta dança também tem seus pares alternados dentro do círculo, homens e mulheres dançam de mãos dadas representando um cerco para o jacundá não fugir, no centro da roda há um casal que representa o jacundá tentando fugir e quem o deixar fugir irá substituí-lo, tornando-se o novo jacundá a tentar fugir do cerco.

A dança do jacundá é feita nas festas juninas e nos festejos de São José e São Francisco e acontece nas apresentações e ao mesmo tempo como brincadeira para as crianças e adolescentes que se divertem ao participarem. As músicas para esta dança lembram o carimbó, é cantado por todos e tem o próprio nome de jacundá.

Paralelo às apresentações de dança, o cenário cultural segue com shows de músicos locais com suas bandas de forró, xote e brega. Segundo Bruna, os músicos de Fátima se reúnem aos finais de semana para cantar em banhos e flutuantes com show ao vivo. Segundo ela, chamar os cantores locais faz com que a comunidade queira valorizar os próprios moradores com o seu fazer artístico e evita que venham músicos de fora para cobrar altos cachês.

Na escola José Sobreira acontece também a festa junina, organizado e mobilizado por todo o corpo pedagógico, a comunidade participa e assim ficamos conhecendo os comunitários e estudantes que participam ativamente no fazer cultural em Fátima.

Foto: Amigos na Roça dançando na quadra da escola José Sobreira



Fonte: arquivo pessoal, 2022

Durante a pesquisa dos estudantes foram catalogados também nomes de alunos que cantam, tocam e dançam, individuais ou em grupos seja de instituições religiosas ou não. Não foram identificados até o momento da pesquisa grupos teatrais.

2.3 Teatro Cabôco

A experiência criativa do Teatro Cabôco surgiu com a pesquisa de conhecer os problemas de grande relevância na comunidade Nossa Senhora de Fátima, colocados pelos próprios estudantes que ao encenarem as situações que observam, poderem construir críticas reflexivas a fim de dar-lhes soluções ou compreendê-las de outras formas.

Os jogos teatrais foram utilizados como abordagens metodológicas, após cada jogo era hora de parar e refletir sobre o conceito de Teatro, que atitude tornava Teatro para cada um deles.

Os materiais escritos trabalhados foram os livros de Augusto Boal: Teatro do oprimido e 200 Exercícios e jogos para o ator e para o Não-ator com vontade de dizer algo através do Teatro, que oferece segundo o próprio autor exercícios e jogos para o povo, o ribeirinho, operário, estudante e todos a desentorpecer o corpo, alienado, mecanizado, ritualizado pelas vivências e hábitos cotidianos da sociedade capitalista.

Cada aula tornava-se um passo para se chegar num tema a ser encenado. O jogo do espelho feito em dupla, e posteriormente feito em grupo, trouxe a crítica da influência que temos sobre o outro ou que recebemos dos outros. De que forma a ação de um morador da comunidade influencia ou o atinge? e até que ponto e/ou vice versa. A prática ocorreu na quadra da escola, onde eles tinham bastante espaço para se movimentar junto de seu espelho (colega que repetia os mesmos movimentos do jogador).

Os questionamentos estavam ali para aguçar os sentidos dos estudantes e provocá-los a questionar os problemas vistos na comunidade, se eram resultados de ações dos próprios moradores ou não.

O outro jogo feito, foi A palavra que Conta, onde cada jogador diz uma palavra que sucede à palavra anterior de seu colega, ou seja, uma continuação de palavras que ao fim tornam-se uma história coletiva contada por cada estudante. Quem pode influenciar direta ou indiretamente nos problemas causados na comunidade? Um problema individual pode vir a torna-se coletivo? E se a minha denúncia se juntar com a do vizinho, o que poderá acontecer?

Falar de política com adolescentes de forma direta pode ser um desafio, pois muitos se encontram resistentes ou mesmo imaturos para compreender o sentido real da palavra. É preciso jogar gingado, com jeito fácil, malemolente, e leva tempo.

A razão de um conteúdo para ser absorvido requer à medida de observação do grupo, que no caso, foi a turma de 8 ano.

A leitura de uma notícia de jornal trazida para o grupo, e um vídeo reportagem sobre uma situação-problema foi a sensação do momento em que todos quiseram comentar e até mesmo relatar algo parecido. As histórias foram se cruzando com a realidade deles. Alguns foram práticos em ver a solução, outros por sua vez, foram rápidos em julgar, outros ainda demoraram a tecer compreensões a respeito da matéria de jornal.

O Teatro Cabôco estava a caminho, sendo gestado, e com muitas situações a serem mostradas. Os diálogos sobre os problemas da comunidade finalmente foram aparecendo, os questionamentos sobre quem contribui direta e indiretamente nos problemas coletivos da comunidade foram surgindo e ganhando vida.

O Teatro do Oprimido, de acordo com o próprio Augusto Boal pretende transformar o espectador passivo em sujeito atuante diante da ação dramática que lhe é apresentada, e para nossas aulas aprender criando e criando para aprender.

As cenas começaram a ser escritas após as reflexões e debates dos problemas que existem na comunidade de Fátima e de comunidades próximas, já que os alunos também vindos

dessas outras comunidades, também têm direito e voz para denunciar os problemas percebidos. E uma das primeiras encenações foi de um garoto que quebrou a perna no sítio onde morava e os pais tentavam chegar via estrada de barro até a UBS (Unidade Básica de Saúde) de Nossa Senhora de Fátima e enfrentavam a saga do carro atolado, dos buracos e ladeiras deslizantes e ao chegarem na UBS ouvirem dos funcionários não ter o que fazer e que deveriam se dirigir à cidade para receber ajuda e os procedimentos necessários. Ouvia-se um apito e de repente o público tornava-se o povo revoltado com a situação do garoto e tomavam a frente da UBS para se manifestar e pedir ajuda do prefeito para terem direito a um pronto socorro na comunidade e não precisaram pagar um transporte hidroviário até chegar no perímetro urbano para terem ajuda.

Outra encenação muito interessante foi a cena de um caboclo ribeirinho e de um turista em uma canoa no meio do rio, onde o turista em tom jocoso perguntava ao ribeirinho se ele conhecia filosofia, se conhecia o museu do Louvre, se sabia falar inglês e o ribeirinho sempre respondia que não sabia e não conhecia. O turista dizia ao ribeirinho que ele havia perdido uma parte de sua vida por não saber, então em dado momento, os ventos começaram a soprar mais forte, o céu escureceu e o banzeiro ficou mais violento que de costume. A chuva caiu e o ribeirinho perguntou ao turista se ele sabia se salvar de uma tempestade no rio e o mesmo respondeu que não sabia, e o humilde caboclo disse: “Então o senhor perdeu a sua vida toda.”

Foto: cena do caboclo e o ribeirinho



Fonte: arquivo pessoal. (2022)

O resultado foram muitas aprendizagens recíprocas, pois o conhecimento sempre se encontra a favor do estudante e também a favor do educador na medida em que o tema abordado gera o resultado esperado. Para Boal é possível transformar o espectador em ser ativo, para que o povo passe a utilizar o teatro em proveito próprio, como forma de expressão coletiva de seus anseios mais legítimos de expressão e libertação. (BOAL, p.5 1982) O posicionamento de Boal

já decolonizava sua práxis a respeito do Teatro e da quebra dos muros estéticos construídos relacionando as práticas artísticas às dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica e ética.

CAPÍTULO III MÃOS AMAZÔNIDAS

A presença da escola José Sobreira do Nascimento na comunidade de Fátima tem um papel fundamental na construção do conhecimento dos alunos e na expansão das atividades que movimentam externamente os pais, e os servidores da escola e comunitários como um todo.

A experiência criativa Mãos Amazônidas tinha como ponto de partida questionar e nortear entre os estudantes as noções de natureza, defesa, performance e sustentabilidade. Antes desse ponto de partida, a ideia nasce com uma performance realizada na própria comunidade, em janeiro de 2022, feito não pela professora, mas pela artista que sou, enquanto corpo que sinto um outro corpo-floresta sendo cortado aos pedaços, corpos gigantes vindo ao chão, líquido escorrendo, folhas verdes caídas, galhos sendo lançados na fogueira e um barulho dolorido de motosserra espalhando pó de serragem por todo lugar.

A performance intitulada: Estado da Arte em Ambiente de Corte/Morte, mostra a cena de local onde vários troncos de árvores mortas em pedaços, um tronco recebendo golpes. Os movimentos da performance entendem a morte como o estado de sensação que envolve todo o ambiente. A representação de um corpo-tronco sendo transpassado com a morte por todo o território, ou seja, as consequências do desmatamento, iminentemente chega a todos nós, e com essa reflexão, me perguntei enquanto educadora, o que poderia fazer com os corpos já que nem ao chão teriam chance de ficar por muito tempo.

Esses corpos-troncos não encontrariam muita utilidade na comunidade, seriam arrastados até o rio, outros passariam e mijariam por cima, pois não são “madeira de lei” (valor de madeira), e são apenas madeiras de abacateiro, jambeiro, goiabeira, jaqueira, azeitoneira e etc.

A educação deve estar para ensinar a respeitar e defender também a natureza, e para compreender o porquê dos comunitários não lhes dar uma finalidade, para alcançar a ideia dessa oficina, foi preciso andar pelos quintais, estradas, sítios e na beira do rio, percebendo a quantidade de troncos de árvores descartados e compreender as muitas justificativas de uma árvore ser derrubada em Fátima. Durante a pesquisa, ouvimos dos moradores que, muitas

árvores vão ao chão, por mãos humanas durante o período de chuvas e ventos fortes, evitando assim que elas caíam sobre as casas, outro motivo citado foi a proximidade com os fios de distribuição de energia, construção de embarcações, e também outro motivo, foi a limpeza do terreno para construção de casas novas. Tivemos um dia de ação, em que recolhemos restos de madeiras para dar-lhes um destino criativo.

A arte-educação também tem o intuito de levar para a escola ribeirinha, maneiras criativas que também revelam os reais problemas encontrados em nosso ambiente e na sociedade. Entendemos que a população moradora da comunidade Nossa Senhora de Fátima, assim como o restante das pessoas pensa apenas na utilização do espaço “limpo”, e o que decidem fazer naquele espaço, sem pensar que, nesse território já moram corpos-da-floresta, que de certa forma produzem alimentos, trazem sombra fresca com utilidades objetivas, e após a derrubada, não há um pensamento sustentável do que se possa fazer com essas árvores, e simplesmente são descartadas por não terem valor de retorno financeiro, como outras árvores que servem para a “produção” em larga escala de objetos e suporte de construção.

Ao buscar possibilidades de resgatar elementos da natureza na disciplina de arte, a aula também se torna um manifesto sobre sustentabilidade. Para o artista amazonense Turenko Beça (2021) “a humanidade deve reavaliar seus padrões de consumo, necessidades humanas reais e criadas, onde devem ser formulados novos paradigmas.”

O conceito de sustentabilidade segundo a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, apud Brito (2021) é “aquela que supri as necessidades do ser humano sem comprometer o futuro das gerações seguintes.”

A arte como sustentabilidade pode ser uma estratégia pedagógica decolonial e enquanto metodologia de estreitar os estudos dos estudantes sobre o respeito à natureza, à educação ambiental, e à valorização e cuidado criativo. Então no objetivo dessa oficina procuramos buscar possibilidades criativas de reutilização sustentável dessas madeiras descartadas em território de Fátima, e como objetivos específicos conhecer e despertar na escola José Sobreira o conceito de sustentabilidade amazônica.

Ter pouco material de estudo sobre arte e sustentabilidade na Amazônia, foi também outro motivo para que esta experiência artística fosse feita, e em contexto educacional, acrescentar estratégias pedagógicas que deram certo em sala de aula com esta pesquisa.

Nas ruas de Manaus ou nos lugares mais remotos dos municípios e comunidades do Amazonas, é possível encontrar troncos, galhos e pedaços de árvores como parte de alguma ação humana e estão por toda parte, jogados como qualquer outro lixo. Segundo o artista Rider

(2021) ele cita após sua performance nas ruas de Manaus com um tronco de madeira ao qual observou que “todos passam, mijam sobre ele, todos sentam sobre, arrastam quase todo dia um pouquinho ele de lugar ou posição.”

Quando falamos de sustentabilidade, dentro do contexto de cidades e comunidades não se pensar numa natureza intocável, mas que tudo depende que os recursos naturais são finitos, ou seja, podem acabar.

A educação escolar torna-se estimuladora de práticas que busquem a superação das injustiças ambientais e da apropriação da natureza como objeto de exploração e consumo baseada na premissa de que, como conhecimento e informação, é possível criar condições de legitimação e reconhecimento da educação ambiental para além do seu universo específico, propondo atender aos vários sujeitos que compõem os meios sociais, culturais e econômicos na preocupação com a sustentabilidade socioambiental. (BRITO, ET AL. p.165-166. 2021)

Acredito que a sociedade deve também se mobilizar para ações que possam retardar os efeitos nocivos à natureza e da nossa própria extinção, e nisto a escola se inclui. O arte-educador também como cidadão pode ajudar estimulando os alunos a pensar formas de minimizar e também de usar de forma consciente matéria-prima, conduzindo o conhecimento para as comunidades e povos das águas e florestas que são as maiores afetadas pela degradação da natureza.

Uma das saídas foi utilizar abordagens e estratégias que trabalhássemos com a realidade que circunda o aluno. O nível de compreensão dos alunos, toda vez que ele se depara com a própria realidade é maior, pois ele tem a vivência, e discutir e refletir sobre assuntos vividos e vistos por eles tem uma facilidade de absorção e, caso não isto ocorra, o conhecimento se arquiva como cita Freire (2013):

Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo com os outros.

Uma dessas abordagens foi ressaltar o trabalho de artistas amazonenses, para que percebessem que há outras pessoas criando e trabalhando na tentativa de mudar o olhar e o fazer sustentável, transformando os recursos descartados pela ação humana.

Uma das pessoas a se tonar referência é moradora da própria comunidade, artesã e também atua como gestora de eventos culturais em Nossa Senhora de Fátima, Bruna de Castro Melo é funcionária da escola e nas horas vagas e fins de semana recolhe sementes, cascas, folhas e talas para confecção de esculturas e artesanatos meticulosos. Suas obras são vendidas

sempre que aparece algum visitante ou nos festejos da comunidade. Sua estratégia de coleta também serviu para nossa metodologia na experiência com os estudantes.

Sair da sala de aula e ir até os locais e coletar as madeiras, no início não foi tão estimulante, mas pegá-las para trabalhar, limpar, lixar e pintar e dar outra visão, foi transformador para eles. O processo foi mais importante que o resultado final, e digo isto enquanto arte-educadora, pois também partir de uma performance, pensar estratégias até chegar nas mãos dos alunos e passarem por vários passos até a pintura final, foi uma superação pra todos, professora e alunos.

Foto: Processo Mãos Amazônidas



Fonte: arquivo pessoal. (2022)

Sobre um fazer artístico que leva tempo e respeita o processo criativo, Rossy (2022) cita sobre suas coletas de resíduos naturais.

Certa vez, acho que foi na grande vazante de 2010, andando pela beira do rio encontrei a casca de uma grande árvore de mais de um metro de diâmetro enterrada. Devia estar ali há décadas, com a vazante, apareceu. Chamei uns homens, eles desenterraram uma parte, de tão grande e pesada que era. Só em outra vazante desenterraram o resto. Hoje a grossa casca é uma peça de decoração da minha casa.

A artista Helen Rossy, natural de Parintins no Amazonas, trabalha com esculturas e objetos utilitários, e faz a coleta de cascas, troncos da beira do rio e também restos de embarcações e madeiras soltas em Novo Airão, município onde mora. Ela também transforma o seu fazer criativo e traz sua contribuição para a sustentabilidade.

Mudar o olhar com o que se está trabalhando fez toda a diferença para os alunos e foi possível notar o afeto e o novo olhar para a madeira, e desde então, facilitou compreender a

relação da arte com o fazer sustentável. Segundo Irwin e Dias (2023) aqui, “a pesquisa já não é mais percebida a partir de uma perspectiva científica tradicional, mas sim de um ponto de vista alternativo, onde investigar é uma prática viva, intimamente ligado às artes e à educação.

Com uma metodologia artográfica que investiga as práticas do artista, do professor, do aluno e do pesquisador, a experiência mãos amazônidas teve o processo de coleta, corte em tábuas, depois limpeza e lixamento, seguida de selagem inicial, preparação de fundo com demão, rascunho, pintura e para finalização a selagem das madeiras. As aulas tiveram duração de 3 meses com uma turma de 8 ano e os materiais utilizados foram: os troncos de árvores, lixadeira, tinta seladora, verniz, tintas PVA de diversas cores, motosserra, pincéis de cerda, goma e cola.

Vale ressaltar que paralelamente a experiência dos estudantes, fora da sala de aula também acontecia o meu fazer e de alguns funcionários que se dedicaram também na experiência de construir bancos para a escola, e que mais tarde tornaram-se patrimônio da escola.

É importante destacar que a arte no fazer sustentável ajuda as instituições de apoio ao meio ambiente e chega como educação decolonial, não no sentido de somente retratar as problemáticas ambientais, mas também no sentido de insurgir com a proposta de possibilidades alternativas de utilização dos resíduos naturais descartados pela ação humana.

Refletindo sobre as experiências criativas

A cultura amazônica se vê resistindo nesta contemporaneidade adicionando e/ou modificando a tradição de hábitos e/ou nas extensões das novas maneiras de se viver à beira do rio. E mesmo que ao longo dos anos muitas situações tenham mudado, o sistema de pensamento e atitude de colonizado perdura e deixa marcas no imaginário social, na identidade, na subjetividade do morador das margens dos rios, rodeado pela floresta e que hoje são mais conhecidos como ribeirinhos. Esse tentar sobreviver à realidade e/ou ainda buscar a dominante modernidade costumeira, é que desvaloriza sua identidade, seus saberes e suas características do passado e do presente momento.

Nas experiências criativas feitas na Comunidade Nossa Senhora de Fátima um lugar de povos das águas e florestas, traz as potencialidades artísticas de cada estudante.

As estratégias de Memória e Identidade se iniciam com a escrita do diário, com a finalidade de entender o que achavam do seu corpo, da sua beleza, de como se enxergavam,

saber seu lugar de fala, e de seu ambiente. Foi possível perceber a diferença na autoestima, na rotina e numa série de vivências que não se compara a estudantes de áreas urbanas.

Nas memórias escritas individuais há o exemplo de uma estudante que retrata quando se sente triste dentro de casa em diversas situações, vai para o único lugar que pode se recompor, que é o galinheiro que há no sítio, lá ela diz observar os animais, pensar e mudar seu estado de humor.

Outra memória individual é o de uma estudante que vem de família indígena e apresenta traços muito característicos e se diz não aceitar ser chamada de índia e não gostar da sua aparência.

Este dado só nos revela o quanto a colonialidade se infiltrou na própria imagem dos jovens amazônidas. Sobre isto Ortiz (2020) diz que:

A Colonialidade teve suas raízes fincadas na parte mais profunda do sujeito colonizado. O colonialismo, não foi só no âmbito histórico, social, cultural e epistemológico, mas também, no amor próprio do sujeito pela vida e pelo o que ele é.

Trabalhar o olhar crítico na autoimagem, a respeito de suas características foi importante para questionar o padrão estético que é imposto, a negação racial de outros corpos, outras características.

As fotografias tiradas no espaço escolar não foram somente para valorizar a memória na escola, mas os seus corpos enquanto estudantes de uma comunidade ribeirinha. Durante a pandemia isso foi sentido muito forte, e permitiu também a reflexão deles, da relação que o estudante cria com a escola.

Na sequência das fotos tiradas no espaço externo, retratam a identidade, o lugar de pertencimento, o contexto de pandemia através das máscaras. É possível descrever pela imagem uma etnografia de uma comunidade rodeada pelos rios, que os moradores se locomovem através das canoas, que pescam, que existem árvores imensas, que os estudantes são muito humildes.

A fotografia se revela como um documento importante para a memória dos estudantes da escola José Sobreira e também para a Comunidade Nossa Senhora de Fátima.

Ao longo do período de pesquisa nesta iconografia presenciei duas épocas de seca e duas épocas de cheia, e enquanto a cheia de 2021 invadiu casas e durou bastante tempo, no ano seguinte foi a vez do período de seca de 2022 que esvaziou todo o rio na frente da comunidade, e os professores andavam de vinte a trinta minutos para chegar à escola.

Segundo Irwin (2004) apud Eça (2013) “Os artógrafos [...] partem de processos de identidade, memória, reflexão, meditação, interpretação e representação.” Para a procura do conhecimento, movendo-se na interface da produção artística, pesquisa e prática pedagógica

essa experiência gerou a escrita de um artigo para a Socialização de práticas formativas da Secretaria Municipal de educação de Manaus (SPF/SEMED) 2021.

A próxima experiência criativa chamada Corpos da Floresta foi particularmente incrível e me trouxe enquanto artista outras percepções novas e estimulantes. Poder sair do espaço escolar e explorar juntamente com os alunos foi algo curioso, cauteloso, sinestésico. Cabe ressaltar que a disciplina de performance e gênero durante o mestrado ajudaram muito, principalmente no conduzir e na construção das ações performativas dos próprios estudantes.

Corpos da floresta como performances se coloca na dimensão pessoal e como linguagem artística visibilizando temas próprios em sala de aula, e foi uma prática facilitadora de os estudantes compreenderem e se reconhecerem nas desigualdades pelas quais passam em suas vivências, podendo se posicionar diante das realidades de opressão e exploração em contextos escolares/comunidade, e na própria rotina.

A performance vem do conceito de utilizar o corpo como meio de expressão, o corpo e suas ações acabam se tornando a própria obra de arte. Gestado pelos primeiros manifestos lidos em público por artistas no movimento futurista, mais tarde ganhou apresentações nos movimentos dadaístas e surrealistas ampliando os limites do que era aceitável. Esta linguagem artística passou por muitas hibridizações como os happenings, body-art até chegar na performance art. Ela acontece por meio de vários diálogos entre as linguagens artísticas trazendo uma forte carga conceitual que perpassa todos os caminhos do qual a arte vem atravessando.

A performance é antes de tudo uma expressão cênica: um quadro sendo exibido para uma plateia não caracteriza uma performance; alguém pintando esse quadro, ao vivo, já poderia caracterizá-la. [...] Podemos entender a performance como uma função do espaço e do tempo $P=f(s,t)$; para caracterizar uma performance, algo precisa estar acontecendo naquele instante, naquele local. (COHEN 2002, p. 28)

A performance como conteúdo na CEMM (Currículo Escolar Municipal de Manaus) se encontra na habilidade das artes visuais sobre a sigla EF69AR05, e nas dimensões integradas de processos criativos, materialidade, contextos e práticas.

Penso que pelo tempo de sala de aula que tenho, em outros anos, talvez, apenas tivesse mostrado vídeos de performances famosas de outros artistas que não fossem nem mesmo amazonense, estaria tentando fazer conexões com temas da nossa realidade mas não com a

intenção de pesquisar uma estratégia específica voltada para nosso universo amazônico denunciando e criando e aprendendo sobre nossa maneira singular de existir no mundo.

No desafio da autoatualização como arte-educadora acredito que o intuito da arte-educação decolonial não é invalidar o conhecimento das artes europeias, mas dar vida e voz às artes canceladas pela visão hegemônica, e poder representar nas construções artísticas essa diversidade e conflitos que o contexto amazônico tem dentro desses corpos caboclos, indígenas e afroamazônidas de comunidades ribeirinhas e também da cidade.

O/a educador/a tem um papel de mediador na construção de relações interculturais positivas, o que não elimina a existência de conflitos. O desafio está em promover situações em que seja possível o reconhecimento entre os diferentes, exercícios em que promovamos o colocar-se no ponto de vista, no lugar sociocultural do outro, nem que seja minimamente, descentrar nossas visões e estilos de afrontar as situações como os melhores, os verdadeiros, os autênticos, os únicos válidos. (CANDAU 2008, p.31)

Corpos da floresta é conhecimento como poder, é experiência criativa dos corpos de Nossa Senhora de Fátima.

Sobre a metodologia artográfica, onde aborda a pesquisa baseada em arte (PBA) e a pesquisa educacional baseada em arte (PEBA) no qual eu me coloco a experienciar a linguagem da performance, parte de um confronto com uma cena da qual me choca e não posso me isentar de dizer algo, mostrar aos estudantes que, o que está acontecendo gera danos extremamente irreparáveis para as futuras gerações. Me perguntei de que forma poderia mostrar tudo o que sinto quando vejo diariamente cenas fortes de queimadas e cortes de árvores, de que forma minha arte poderia chegar até os alunos.

Perguntas levam a intervenções, investigações e possibilidades e, inevitavelmente, surgem situações que desdobram ou são reconhecidas. Através da natureza rizomática generativa relacional de perguntas e situações, a a/r/tografia se move em direções diferentes ao mesmo tempo que ainda continua a explorar uma mesma linha de investigação. Nesse sentido, a a/r/tografia pode ser uma metodologia de situações que constantemente ensinam educadores a lidar com problemas e diferenças, mas comprometidas a com a investigação estética. (DIAS, IRWIN. 2023, p.94)

A performance procurou desenvolver a capacidade criadora de maneira a interagir no entorno do ambiente escolar, na comunidade e do que se observa cotidianamente. Dessa

pesquisa gerou-se um artigo para o VI Seminário Interdisciplinar de Ciências Humanas: Caminhos epistêmicos e Diálogos interdisciplinares, pelas (UFFS/UEA) Universidade Federal Fronteira do Sul e Universidade do Estado do Amazonas.

A etnografia dentro da pesquisa tem por sua vez como objeto de estudo uma comunidade, com sua cultura e seus aspectos fundamentais de forma ativa, em que os estudantes participam expressando sua criatividade seu imaginário social, seu corpo, seu olhar crítico a respeito de si e do seu lugar.

Etnografia reside, então, em ultrapassar o senso comum quanto aos usos da linguagem. Se o trabalho de campo se faz pelo diálogo vivido que, depois, é revelado por meio da escrita, é necessário ultrapassar o senso comum ocidental que acredita que a linguagem é basicamente referencial. Que ela apenas “diz” e “descreve”, com base na relação entre uma palavra e uma coisa. [...] E as palavras não são o único meio de comunicação: silêncios comunicam. Da mesma maneira, os outros sentidos (olfato, visão, espaço, tato) têm implicações que é necessário avaliar e analisar. (PEIRANO, 2014, p.386)

Por se tratar de registros com manifestações da realidade, tanto explícitas quanto implícitas, a etnografia ativa tende a olhar os problemas, ou enfrenta-los/confrontá-los com vistas a lidar de forma crítica no futuro.

A pesquisa eventos do Beiradão por sua vez, só revela o fazer cultural da própria comunidade, as personalidades atuantes e que fortalecem as expressões artísticas. Na pesquisa dos estudantes foi possível perceber a cultura de massa que se sobrepõem aos gostos musicais, pois alguns estudantes não viram sentido e prazer de pesquisar sobre os eventos na comunidade. Os estudantes que tem acesso à internet já revelaram seus gostos pelo pop, pelo funk, trap e até k-pop que sem desmerecer impera entre os adolescentes, não sentiram gosto pelos estilos musicais que os festejos da comunidade mostram.

A diferença entre os estudantes que sempre têm acesso à internet e os estudantes que raramente ou não encontram acesso é bem grande. Os que participam das quadrilhas, danças típicas e festejos religiosos são justamente os que raramente têm acesso à internet, são eles que encontram nas danças e nas músicas uma forma de passar o tempo com qualidade.

Há também por trás disso tudo uma disputa de poder sobre a cultura, àquela a qual devemos seguir, e por meio da exaustão das redes sociais absorvemos e esquecemos a cada geração, quem somos, de onde viemos, qual nossa identidade e o que pensamos e sentimos de nós mesmos. Entendo que quem arbitra sobre os sentidos de cultura controla os destinos de uma sociedade.

Na historicidade específica do capitalismo, movida na dinâmica da luta de classes, a “perfumaria” da cultura pode despertar ou entorpecer sentidos e sensibilidades, pode estar a serviço da transformação ou da manutenção do *status quo*. (FACINA, 2010, p.87)

É preciso estar atento para aguçar os sentidos a respeito da arte e do fazer cultural. E o ensino decolonial segundo Lucini e Santana (2019) quer possibilitar o conhecimento crítico e reflexivo como possibilidade de desestabilização dos processos de manutenção da opressão.

O imperialismo pretende universalizar as formas de arte, da mesma maneira que universaliza a moda e a coca-cola, fazendo, no entanto, que a origem esteja nos próprios países imperialistas. [...] Nesta época de tecnologia tão desenvolvida o mundo se transformou numa ideia global. Através do satélite, as notícias correm o mundo no mesmo instante que se produzem. Satélite em mão única: de lá para cá tudo; de cá para lá, nada. (BOAL, p.13, 1982)

A experiência criativa do Teatro Cabôco apesar de curta, movimentou os alunos a participarem ativamente, a terem empatia ao assistir aos colegas. Revelou de forma genuína e simples, grandes problemas que nem eu mesma conhecia na comunidade. A compreensão deles e reflexão das ações que foram encenadas se mostrando como teor político trouxe à consciência e importância de observar tudo e todas as ações humanas.

[...] Se existem artes maiores e artes menores, estando estas contidas naquelas, deverá necessariamente existir uma arte soberana, que conterà todas as demais artes e ciências, cujo campo de ação e interesses incluirá necessariamente o campo de ação e os interesses de todas as demais artes e de todas as demais ciências. Esta Arte Soberana, evidentemente, será aquela cujas leis regem as relações de todos os homens, em sua absoluta totalidade, e que inclua absolutamente todas as atividades humanas. E esta só pode ser a Política. Nada é alheio a política. (BOAL, 2014)

Mãos Amazônicas: A experiência mãos amazônicas teve uma metodologia de investigação, com o indignar-se, com a morte de corpos-árvores, com o sentir, com o tato, com a reflexão dos problemas ambientais da Comunidade Nossa Senhora de Fátima, com a descoberta de habilidades de muitos estudantes que são filhos de artesãos, construtores de embarcações (inclusive muitos levaram suas tábuas para limpar, lixar e selar em casa), que nos remete aos hábitos e trabalhos dos comunitários.

A aceitação dessa experiência por parte da gestora da escola, foi fundamental, pois sem o apoio dela, a prática não teria saído do campo das ideias, a participação dos funcionários que

foi um dos momentos mais importantes para a escola José Sobreira, pois reafirmou a vontade de potência e conhecimento.

A experiência se tornou um projeto escrito e ganhou uma exposição na divisão de educação da prefeitura de Manaus e uma participação na feira de Ciência e meio ambiente no qual ganhamos em primeiro lugar e os estudantes que participaram ficaram muito felizes, principalmente porque alguns conseguiram vender suas obras e com isso trouxe visibilidade.

O resultado dessa experiência entregou os bancos para a escola e trouxe visibilidade e reconhecimento dos pais e da comunidade escolar, de poder usufruir dos bancos no saguão de entrada da escola e de saber que eles também podem construir e utilizar restos de madeira espalhados pela comunidade de forma sustentável para si.

Ressalto por último que a cada ano, mesmo que se repita a mesma estratégia pedagógica, as aprendizagens serão completamente diferentes pois como afirma John Dewey (2010) “cada vivência é singular, marcante, integral, memorável e a cada novo passo, fluxo, se torna transformadora.”

Considerações Finais

A arte-educação no Brasil se prepara para uma longa jornada do reconhecimento de seus saberes, onde cada local deverá se aprofundar no seu próprio mar de ancestralidade sem essa visão padrão de conhecimento eurocêntrica, que modula o conhecimento, e seguir desobedecendo. Sobre isto Mignolo (2008) esclarece como uma “desobediência epistemológica, que implica “aprender a desaprender para reaprender.” (apud MOURA 2019)

A proposta é que a pedagogia decolonial no campo da arte-educação estimule insurgências de ensino, e sem jogar fora a bagagem de conhecimento e a formação que já se tem, mas a partir dela abrolhar novas metodologias, com novos olhares tal qual a semana de 22 criou o movimento antropofágico a partir da bagagem de conhecimento que já possuía, reagindo aos modelos artísticos eurocêntricos, partindo ao encontro de si mesmos e acabaram entregando algo brasileiro. A pedagogia decolonial junto com a arte-educação quer aprofundar, trazendo consciência das suas condições, do seu lugar, dos seus sentidos, pois como afirma Lino (2018) “O conhecimento decolonial não é insípido, desprovido de emoção, do sentir sabor e corporeidade.”

Arte-educação Decolonial na escola ribeirinha é contributivo, pois propõe a necessidade de reconhecer, valorizar e acolher o repertório e a visão estética que o estudante traz de seu ambiente cultural, para que, no ambiente público e democrático, seja possível tornar

visíveis e reconhecer suas expressões na sociedade rompendo com as interações verticais e horizontais de conhecimentos e saberes, forças e poderes.

Por fim, toda a pesquisa com essas experiências criativas gerou um pequeno documentário sobre e como é a vivência com arte-educação decolonial em Nossa Senhora de Fátima. Abaixo segue o QR-code para acessar e enriquecer após a leitura.



REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido: e outras poéticas políticas**. Editora Cosac Naify, 2014.

BRITO, ET E AL. **Meio Ambiente e Sustentabilidade**. [Livro Eletrônico]: pesquisa, reflexões e diálogos emergentes / organização: Higor Costa de Brito... [et al] – Campina Grande: Editora Amplla, 2021. 2v.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas y estrategias comunicacionales. Estudios sobre las culturas contemporáneas**, v. 3, n. 5, p. 109-128, 1997.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação, interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de Educação, v.13, n.37, Rio de Janeiro, 2008.

CEMM - **Currículo Escolar Municipal de Manaus**. acesso: 30/jan/2022. endereço: https://drive.google.com/file/d/1kTJ0oMA6cQk83E_YAVfLzgrdr5m0WYbv/view

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. 1ª Ed. --1ª reimpressão. Editora PERSPECTIVA S.A --São Paulo - Brasil 2002.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. John Dewey [organização Jo Ann Boydston; editora de texto: Harriet Furt Simon; introdução: Abraham Kaplan] Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Martins Fontes, 2010. (Coleção todas as artes).

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Editora UFSM, 2023.

FACINA, Adriana. **Sobre perfumes e essências: o lugar da Cultura na História**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, v. 180, p. 73-88, 2010.

FARIAS, Elias Souza. **A canção na Amazônia e Amazônia na canção** /Elias Farias. 2017.

FREIRE, Paulo. 1921-1997. **Pedagogia do Oprimido** [recurso eletrônico] / Paulo Freire. 1ed – Rio de Janeiro – Paz e Terra, 2013.

FVS – Fundação de Vigilância Sanitária. Painel de Monitoramento COVID-19. Acesso: jan/2023. Endereço: https://www.fvs.am.gov.br/indicadorSalaSituacao_view/60/2.

Jornal do comércio – Amazonas. **Arte Amazônica de Buy e Helen**. Entrevista 23 de fevereiro de 2022 <https://www.jcam.com.br/noticias/arte-amazonica-de-buy-e-helen/> acesso: 21/09/2022

LIMA, DIAS, AZEVEDO *et al.* **Pedagogias Decoloniais na Amazônia: Fundamentos, pesquisas e práticas** /Adriane Raquel S. de Lima, Alder de S. Dias et al. (organizadores) Curitiba: CRV, 2021.

LINO, Nilma. **II Seminário de Formação Política do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturais**. 19/Set/2018. acesso: 24/05/21 endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=pw8MqYauzc0>

LUCINI, Marizete; SANTANA, Leyla Menezes de. **Pedagogia decolonial: alternativa teórica plural para o campo da educação popular**. Revista Cocar, v. 13, n. 27, p. 1115-1130, 2019.

MIRANDA, Eduardo O. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência**. Edufba, 2020.

MOURA, Eduardo Junior Santos. **Arte Educação Decolonial na América Latina**. Cadernos de Estudos Culturais UFMS, Campo Grande -MS Publicado: 02/10/2020 Edição: V1 - n.21 (2019): Pedagogias Decoloniais (ISSN: 1984-7785) p.31-44 jan/jun 2019. <https://desafioonline.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9689> acesso: 08/06/21

OLIVEIRA, L F de; CANDAU V.M.F. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. Educação em Revista, v26. N01 p.15-40 abr/ 2010. Disponível em:https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000100002&script=sci_arttext Acesso em: 08 junho 2020.

OLIVEIRA, Luís Fernandes de. **O que é uma educação decolonial?** – REVISTA NOVA AMERICA. Academia.edu – Rio de Janeiro, 2004.

_____. **Opção decolonial e antirracismo na educação em tempos neofascistas**. Revista da ABPN• v, v. 12, n. 32, p. 11-29, 2020.

ORTIZ, Carlos Eduardo do Vale. **Docência e Colonialidade: É possível haver libertação?** Revista SURES/JUNHO/2020

PASSOS, Yara dos Santos Costa. **Corpos da Floresta: experiências para resistir 2018** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2018.

_____. **ESCRITAS PARA RESISTIR: as florestas e corpos que dançam**. Dança: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança, v. 6, n. 1, 2021.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método. Horizontes antropológicos**. v. 20, p. 377-391, 2014. Acesso: 23/fev/2023.

Endereço: <https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?format=pdf&lang=pt>

Rede Colaborativa. **Economia e Sustentabilidade com Turenko Beça**. Youtube: 7 de maio de 2021. Endereço: <https://www.youtube.com/live/Wge5aoX0fQI?feature=share>

RENGEL, Lenira. O corpo e possíveis formas de manifestação em movimento. **São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação-Diretoria de Projetos Especiais**, 2004.

Endereço: 4201008231200400 corpo e possíveis formas de manifestação em movimento.pdf (fde.sp.gov.br) acesso: 15/02/2023

RIDER, Francisco. **Corpos-troncos-Etc Jaz**. Entrevista relato. Endereço: https://www.instagram.com/p/Cg3_RPmONie/?igshid=NDc0ODY0MjQ= acesso: 20/09/2022

TELES, Gilmara Araújo et al. **As Relações de Poder no processo da Organização Sociopolítica na comunidade Nossa Senhora de Fátima** / Gilmara Araújo Teles. 2017.

<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6754>. Acesso: 10/out/2022

WALSH, Catherine. **Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: ins-surgir, re-existir e re-viver**. In: CANDAU, Vera Maria (org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro, v.7, p.12-43. Letras, 2009.

APÊNDICES

Glossário

Flutuante: Construções suspensas em cima d'água, pode ser residencial, posto de gasolina, restaurante e etc. Geralmente feitas de madeira específica que flutua.

Giral: construção feita de madeira utilizado como lavatório. (lavar roupa, louça).

Desarrendar: ceder, soltar, distribuir.

FOTOGRAFIA E MEMORIA ESCOLAR



CERTIFICADO DE MEMÓRIA ESCOLAR



PERFORMANCE CORPOS DA FLORESTA













MÃOS AMAZÔNIDAS











Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Faculdade de Artes
Mestrado Profissional em Artes – PPG –ART -MP

Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes
IES Associada - UFAM/UEA



TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "**Arte-educação decolonial: Caminhos de resistência amazônica na escola ribeirinha _____**", sob a coordenação e a responsabilidade do(a) pesquisador(a) Prof(a). **TALITA ARAÚJO QUEIROZ _____**, e assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada nessa instituição, no período de 02 / 02 / 2022 a 28 / 02 / 2023, após a devida aprovação no Sistema CEP/CONEP.

Manaus, 24 de NOVEMBRO de 2021.

Maná Ozemida de Lima

Maná Ozemida de Lima
(Diretora)
PORTARIA Nº 0185/2017 - SEMED / GS

ANEXOS



Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Faculdade de Artes
Mestrado Profissional em Artes – PPG –ART -MP

Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes
IES Associada - UFAM/UEA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS LEGAIS

O(A) seu(sua) filha está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **“Arte-educação decolonial: Caminhos de resistência amazônica na escola ribeirinha”**, sob a responsabilidade da pesquisadora responsável Talita Araújo Queiroz do Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES) do Programa de Pós Graduação da IES Associada UFAM/UEA no endereço Av. Rodrigo Otávio, nº 1200, Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho, Setor Norte, Coroado 1, em conjunto com o professor orientador Dr. Elias Souza Farias. Esta pesquisa tem por objetivo investigar a arte-educação decolonial buscando indícios de sua prática pedagógica que valorize seu modo de ser, ver e pensar em contexto amazônica.

O(A) seu(sua) filha está sendo convidado por que se trata de uma pesquisa que visa melhorias no processo de ensino-aprendizagem dos educandos e essa pesquisa se realizará com alunos do ensino fundamental II da escola no qual seu filho(a) se encontra matriculado.

O(A) Sr. (a) tem plena liberdade de recusar a participação do seu(sua) filho(a) ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que ele(a) recebe neste serviço, que será realizado nas dependências da Escola Municipal José Sobreira do Nascimento conforme descrito na Resolução do CNS nº 466 de 2012, item IV.

Caso aceite participar, a participação do seu(sua) filho(a), consiste em realizar sob orientação da pesquisadora todas as etapas da pesquisa. Para a coleta de dados, será realizada aplicação de questionários de opinião, ação e intenção, entrevista semiestruturada e observação para posterior análise. A pesquisa ocorrerá nas dependências da escola Municipal José Sobreira do Nascimento. Portanto, solicito sua autorização para registro de imagem, escrita, áudios gravados e audiovisuais do seu filho(a) caso se faça necessário. A pesquisadora assegura a confidencialidade de todos os dados coletados, sendo esses dados apenas utilizados para esta pesquisa não acarretando qualquer tipo de prejuízo a imagem, integridade, autoestima e prestígio ou sequer de aspectos econômicos e financeiros, do seu(sua) filho(a), conforme assegura a Resolução CNS nº 466 de 2012.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) seu(sua) filho(a) estão de acordo com a Resolução CNS nº466/12, item V, “Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e gradações variadas”. A mesma resolução no seu item II.22 define como risco da pesquisa a “possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente”. Logo os riscos aos participantes desta pesquisa, podem ocorrer nas etapas em que necessitem responder entrevistas, podendo estar associados a possíveis constrangimentos ao compartilhar informações de cunho pessoal e/ou algum tipo de sofrimento psicológico ao lembrar situações e experiências que lhe causem algum tipo de desconforto, também a alguma dificuldade de aprendizagem do conteúdo no decorrer da pesquisa. Outro risco presente é a perda do anonimato do participante que se encontra em todas as pesquisas que venham a envolver seres humanos. Todos os riscos buscarão ser minimizados no decorrer da pesquisa, tomando medidas para que seu(sua) filho(a) não se sinta desconfortável em nenhuma das etapas dessa pesquisa.

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: vivenciar durante as práticas coletivas e as aulas-oficinas produções que denotem o seu modo de existir, (re)existir e resistir no viver amazônica de ser. Também espera-se elaborar um vídeo-arte documentário como produto de ação efetiva da arte educação decolonial que sirva de elemento agregador e manifesto identitário artístico-expressivo da comunidade Nossa Senhora de Fátima. O benefício ao adquirir tais conhecimentos pode vir a ter aplicações futuras, quando utilizados como base para a construção do conhecimento em outras áreas.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre a participação do seu filho(a), consultando se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida. Garantimos ao seu(sua) filho(a), e seu acompanhante quando necessário, o ressarcimento das despesas devido sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente. Mas caso haja alguma despesa serão ressarcidos baseado no cálculo dos gastos reais. Estando assegurados o direito a indenização e cobertura material para reparação do dano causado pela pesquisa ao participante, conforme Resolução CNS nº 466 de 2012, IV.3h, IV.4c e V.7.

Asseguramos ao seu(sua) filho(a) o direito a assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo, pelo tempo que for necessário (Itens II.3.1 e II.3.2, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade da participação do seu(sua) filho(a) e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica (Item IV.3 da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Se você quiser saber mais detalhes e os resultados da pesquisa, pode fazer contato com a pesquisadora Talita Araújo Queiroz, pelo telefone (92) 984961124, e-mail: talita.queiroz@semed.manaus.am.gov.br ou com o Dr. Elias Souza Farias, na UFAM na Av. General

Rodrigo Otávio, 1200. Coroado I. Manaus – AM (ICHL, setor norte- FAARTES), e-mail: eliasfarias13@gmail.com ou ainda poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-1181/Ramal 2004/ (92)99171-2496, e-mail: cep@ufam.edu.br.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a), e pela pesquisadora responsável, ficando uma via com cada um de nós.

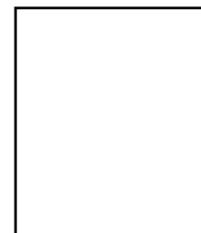
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que concordo que meu (minha) filho(a) _____(nome

completo do menor de 18 anos) participe desta pesquisa. (Ressalta-se que não devem ser introduzidas novas informações ou informações contraditórias ao conteúdo do restante do termo). (Carta circular nº 51 – SEI/2017 – CONEP/SECNS/MS).

MANAUS, ____/____/____

Assinatura do Responsável Legal



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

Assinatura da Pesquisadora Responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO AMAZONAS - UFAM

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ARTE-EDUCAÇÃO DECOLONIAL: CAMINHOS DE
(RE)EXISTÊNCIA AMAZÔNIDA NA ESCOLA RIBEIRINHA

Pesquisador: TALITA ARAUJO QUEIROZ

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 59946022.4.0000.5020

Instituição Proponente: Mestrado Profissional em Artes/ProfArtes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.506.332

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa traz a arte educação decolonial como mediação para caminhos de resistência amazônida, valorizando seu modo de ser, ver e pensar em contexto educacional. A arte educação como insurgência propositiva da decolonialidade numa abordagem teórico-metodológica quer identificar práticas docentes criativas que tragam significado e características identitárias de pertencimento relacionados ao modo mestiço de ser dos povos das águas e da floresta. Decolonizar significa potencializar lutas e expressões que cultivam a reexistência de sujeitos socioculturais, mediante ações, formulações de ideias e estratégias que tenham propósitos coletivos de saber ancestral, do saber local e suas respectivas expressões. A escola ao qual se fará a pesquisa chama-se EMEF JOSÉ SOBREIRA DO NASCIMENTO, onde o acesso à comunidade se dá por estrada de terra 180km de Manaus ou por via fluvial 7,8km de Manaus.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo geral é elaborar um vídeo-arte documentário como produto de ação efetiva da arte-educação decolonial na EMEF JOSÉ SOBREIRA DO NASCIMENTO que sirva de elemento

agregador, de manifesto identitário artístico-expressivo da COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, situado às margens do Rio Negro/Tarumazininho.

Objetivo Secundário:

Continuação do Parecer: 5.506.332

Organizar através de práticas criativas decoloniais mediante oficinas que possam denotar produções artísticas que contemplem os saberes identitários e o imaginário social dos alunos. Coletar processos de produção artística que contemplem cada etapa da produção artística dos alunos com fontes visuais, audiovisuais. Analisar as produções na proposta metodológica decolonial com seus aportes teóricos para caminhos de resistência amazônica em contexto educacional.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com o pesquisador responsável:

Riscos:

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. E neste período de Pandemia, segundo orientação CONEP 05/06/20202 devemos seguir os protocolos de segurança e medidas sanitárias contra a COVID-19. Os protocolos devem se considerar nos procedimentos desta pesquisa, de forma a minimizar prejuízos e potenciais riscos, além de prover cuidado e preservar a integridade e assistência dos participantes e da equipe de pesquisa. Medidas como o uso de máscara, distanciamento de 1 metro, higienização das mãos com álcool e não compartilhar objetos de trabalho serão obrigatórios. Caso ocorra alguma mudança por ocasião de propagação do vírus e a pesquisa estiver impossibilitada de se realizar presencialmente o participante contribuirá à distância, de forma híbrida nas plataformas já utilizadas pelos alunos como: whatsapp, google sala de aula, telegram ou mesmo pelo envio na referida instituição de ensino. Nesta pesquisa os riscos para o(a) seu(sua) filho(a) estão de acordo com a Resolução CNS nº466/12, item V, “Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e gradações variadas”. A mesma resolução no seu item II.22 define como risco da pesquisa a “possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente”. Logo os riscos aos participantes desta pesquisa, podem ocorrer nas etapas em que necessitem responder entrevistas, podendo estar associados a possíveis constrangimentos ao compartilhar informações de cunho pessoal e/ou algum tipo de sofrimento psicológico ao relembrar situações e experiências que lhe causem algum tipo de desconforto, também a alguma dificuldade de aprendizagem do conteúdo no decorrer da pesquisa. Outro risco presente é a perda do anonimato do participante que se encontra em todas as pesquisas que venham e envolver seres humanos. Todos os riscos buscarão ser minimizados no decorrer da pesquisa, tomando medidas para que seu(sua) filho(a) não se sinta desconfortável em nenhuma das etapas dessa pesquisa.

Benefícios:

Valorização das expressões identitárias da Comunidade Nossa Senhora de Fátima.

Continuação do Parecer: 5.506.332

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Desenho:

pesquisa etnográfica Metodologia Proposta:

A pesquisa se baseia em fenômenos únicos inseparáveis de seu contexto, não buscando a generalização de todos mas procurando de forma qualitativa resultados satisfatórios. O fenômeno da pesquisa etnográfica permite que compreenda de dentro, os processos educacionais expressivos, ao buscar explicar a realidade com base/natureza na percepção, atribuição de significado e opinião dos envolvidos socialmente no estudo de forma aplicada. Durante as etapas é importante se colocar como observador da vida cotidiana, hábitos, das suas interações sociais, das suas definições culturais, estruturas econômicas, políticas e de suas manifestações materiais de suas atividades. 4.4 Fase da pesquisa bibliográfica: Escrita do Estado da arte e em fase de leituras de artigos, livros e revistas científicas, textos informativos em plataformas digitais ou impressas. 4.5 Elaboração do roteiro de intervenção: Na elaboração deste roteiro e preparação para intervenção iniciamos com o mapeamento do histórico etnográfico da comunidade Nossa Senhora de Fátima, um levantamento cultural da comunidade em que está inserido o espaço escolar, uma coleta de dados sobre quais os meios de sobrevivência da comunidade, seus hábitos, seus eventos, o olhar dos moradores sobre a própria comunidade; por conseguinte um mapeamento da faixa etária dos alunos a serem selecionados e suas variáveis com o estudo. Elaboração da Cartilha da decolonialidade com conteúdos abordando lutas indígenas e seu atual contexto. A preparação com as turmas selecionadas serão com rodas de conversas, leituras e reflexões da cartilha decolonial, e logo após estas rodas de conversas, faremos as oficinas com práticas criativas que serão elementos variáveis para um possível produto arte- educativo decolonial como ação efetiva do estudo. Serão apresentadas dez (10) oficinas divididas em vinte

(20) aulas, cada uma abordando diferentes saberes e diversidades, e/ ou de acordo com uma modalidade

artística. Seguem-se as seguintes: Oficina criativa da Identidade, Oficina Criativa insurgente do teatro, Oficina criativa Corpos da Floresta, Oficina Criativa Ideias para Adiar o fim do mundo, Oficina criativa de Experiências e Sabores, Oficina Criativa de músicas do beiradão, Oficina Criativa de grupos invisibilizados, Oficina Criativa mãos habilidosas, Oficina Criativa para O amanhã, Oficina Criativa da Tecnologia indígena.

4.6 Fase da coleta dos dados: Os instrumentos e recursos metodológicos para trabalhar a realidade e o contexto do aluno ribeirinho na coleta de dados serão: entrevista com os moradores mais antigos da comunidade, questionário participativo sobre pontos negativos e positivos que cada aluno encontra na comunidade Nossa Senhora de Fátima,

Continuação do Parecer: 5.506.332

entrevista sócio-econômica e cultural sobre os meios de vida dos moradores (escolas, mercados, igrejas, postos policiais, quadras esportivas, fontes de renda da maioria , praças, festas, datas comemorativas, eventos, economia sustentável da comunidade e etc.), atividades pós leitura e rodas de conversa, oficinas criativas, registros de fotos, vídeos, diário escrito, projeções de multimídias, aplicação e questionário interpretativo das leituras da cartilha da decolonialidade.

Hipótese:

A prática da Arte-educação decolonial pode ser uma estratégia de questionar suas experiências artísticas na escola e como investigação aprofundada da sua identidade, das suas experiências de desigualdades, do seu imaginário social, na tentativa de valorizar e emancipar sua diversidade de expressões, saberes populares amazônicos?

Critério de Inclusão:

Dentro das características de amostra da população a ser trabalhada tem-se o critério de serem alunos regularmente matriculados na escola. Os participantes selecionados para a pesquisa são alunos de 8º e 9º ano.

Metodologia de Análise de Dados:

Na análise de dados opta-se pela pesquisa etnográfica em que se tem o uso da entrevista, da observação, da interação entre o pesquisador e grupo a ser analisado, a ênfase no processo, na visão dos sujeitos pesquisados sobre suas experiências. 4.7 Fase da análise dos dados: Na fase inicial e parcial da análise de dados se inicia com as entrevistas dos moradores mais antigos da comunidade, nesta entrevista pode-se compreender a migração dos primeiros moradores para a comunidade Nossa Senhora de Fátima, que eram terras do proprietário José Sobreira (homenageado com o nome da escola), e onde a primeira família indígena advinda da tribo kokama migrou na esperança de conseguir terras para seu sustento. A economia das famílias de Nossa Senhora de Fátima se tornou basicamente do bolsa família, da pesca, de pequenos mercadinhos, da venda de brechós, venda de frutas e verduras e peixes, e poucos são os que trabalham na cidade de Manaus. A comunidade dispõe de apenas uma escola (o local de pesquisa), um posto de saúde, um posto policial que não funciona (construído com a gestão do presidente da comunidade), também conta com um quantitativo de dez (10) igrejas evangélicas e uma (01) católica, o cenário social e cultural é de não ter eventos (que não sejam das igrejas) , não ter praças ou quadras poliesportivas, porém conta com um campo de barro em espaço aberto, no qual os moradores dividem com um lixão a céu aberto. Os moradores contam que para se divertir vão a um banho próximo da comunidade, ou em flutuantes instalados nas margens da comunidade. Segundo as entrevistas, os moradores relataram de igual modo a crescente onda de adolescentes e

Continuação do Parecer: 5.506.332

jovens usuários e dependentes de drogas lícitas e ilícitas o que nota-se um descaso do poder público e uma comunidade em completa vulnerabilidade social.

Desfecho Primário:

Espera-se que a pesquisa alcance os envolvidos na busca de gerar qualidade de suas expressões identitárias com a prática da pedagogia decolonial nas aulas de arte.

Desfecho Secundário:

Espera-se que a pesquisa alcance os envolvidos na busca de gerar qualidade de suas expressões identitárias com a prática da pedagogia decolonial nas aulas de arte.

TAMANHO DA AMOSTRA: 30 participantes

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Trata-se de um projeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Artes/Profartes, intitulado ARTE - EDUCAÇÃO DECOLONIAL: CAMINHOS DE (RE)EXISTENCIA AMAZÔNIDA NA ESCOLA RIBEIRINHA.

Pesquisadora Talita Araújo Queiroz, orientador: Prof Dr. Elias de Souza Farias, e integra a equipe de pesquisa a Prof^a Rosemara Staub de Barros. Trata-se de pesquisa etnográfica. Tem como hipótese que: A prática da Arte-educação decolonial pode ser uma estratégia de questionar suas experiências artísticas na escola e como investigação aprofundada da sua identidade, das suas experiências de desigualdades, do seu imaginário social, na tentativa de valorizar e emancipar sua diversidade de expressões, saberes populares amazônicos? E tem como objetivos de estudo: Geral, elaborar um vídeo-arte documentário como produto de ação efetiva da arte-educação decolonial na EMEF JOSÉ SOBREIRA DO NASCIMENTO que sirva de elemento agregador, de manifesto identitário artístico-expressivo da COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, situado às margens do Rio Negro/Tarumanzinho. Objetivos secundários: Organizar através de práticas criativas decoloniais mediante oficinas que possam denotar produções artísticas que contemplem os saberes identitários e o imaginário social dos alunos. Coletar processos de produção artística que contemplem cada etapa da produção artística dos alunos com fontes visuais, audiovisuais. Analisar as produções na proposta metodológica decolonial com seus aportes teóricos para caminhos de resistência amazônica em contexto educacional. A amostra será de 30 participantes. Na técnica de coleta de dados pretende-se fazer, aplicação de questionários, entrevistas, rodas de conversa, aulas-oficinas, fichas de respostas, bem como utilização de instrumentos de multimídia: celulares e câmeras fotográficas; instrumentos cênicos: figurinos, som, maquiagem e objetos culturais do lugar. Nos instrumentos cênicos da dança: movimentos corporais, músicas, iluminação e indumentárias culturais do lugar e por fim, nos instrumentos visuais: elementos orgânicos, objetos culturais, tintas, sprays e obras de artistas locais (pintura, desenho e escultura).

Continuação do Parecer: 5.506.332

A pesquisa será feita com os alunos da Escola Municipal José Sobreira do Nascimento situado na comunidade Nossa Senhora de Fátima 7,8 km do Município de Manaus (AM), a Escola atende uma quantidade geral de 48 alunos e com faixa etária de 05 a 17 anos de idade, divididos entre turmas de 6º a 9º ano. Dentro das características de amostra da população a ser trabalhada tem-se o critério de serem alunos regularmente matriculados na escola. Os participantes selecionados para a pesquisa são alunos de 8º e 9º ano.

Concernente ao Protocolo submetido à avaliação pelo CEP registra-se da documentação obrigatória o que segue:

- a) FOLHA DE ROSTO: APRESENTADA E ADEQUADA;
- b) INSTRUMENTOS DA PESQUISA: APRESENTADO E ADEQUADO;
- c) PROJETO DE PESQUISA BÁSICO: APRESENTADO E ADEQUADO;
- d) CRONOGRAMA: ADEQUADO: (pesquisa de campo de 30/06 a 02/09/2022);
- e) ORÇAMENTO: ADEQUADO (financiamento próprio no valor de R\$ 1.000,00);
- f) CRITÉRIOS DE INCLUSÃO: APRESENTADOS E ADEQUADOS;
- g) RISCOS E BENEFÍCIOS: APRESENTADOS E ADEQUADOS;
- h) TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR: APRESENTADO E ADEQUADO;
- i) TCLE MORADOR: APRESENTADO E ADEQUADO;
- j) TCLE/PAIS-RESPONSÁVEL: APRESENTADO E ADEQUADO;
- k) TERMO DE ASSENTIMENTO/MENOR: APRESENTADO E ADEQUADO.

Recomendações:

Pesquisador(a) esclareça suas dúvidas, consultando a página do CEP em www.cep.ufam.edu.br

Este CEP/UFAM analisa os aspectos éticos da pesquisa com base nas Resoluções 466/2012-CNS, 510/2016-CNS e outras complementares. A aprovação do protocolo neste Comitê NÃO SOBREPÕE eventuais restrições ao início da pesquisa estabelecidas pelas autoridades competentes, devido à pandemia de COVID-19. O pesquisador(a) deve analisar a pertinência do início, segundo regras de sua instituição ou instituições/autoridades sanitárias locais, municipais, estaduais ou federais.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A proposta em questão apresenta relevância social e científica no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, com tema de expressão no âmbito da pesquisa em Arte- Educação.

Diante do exposto, somos de parecer pela APROVAÇÃO do projeto, pois a pesquisadora CUMPRIU INTEGRALMENTE com as determinações da Resolução 466/12 no que concerne aos termos de apresentação obrigatória, acima mencionados. Este CEP/UFAM analisa os aspectos éticos da pesquisa com base nas Resoluções 466/2012-CNS, 510/2016-CNS e outras complementares.

Atenção! “O(A) pesquisador(a) deve enviar por Notificação os relatórios parciais e final. (item XI.d. da Res 466/2012-CNS), por meio da Plataforma Brasil e manter seu cronograma atualizado, solicitando por Emenda eventuais alterações antes da finalização do prazo inicialmente previsto.

SMJ

É o parecer

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1960716.pdf	05/06/2022 23:28:25		Aceito
Outros	DECOLONIALIDADE_cartilha.pdf	05/06/2022 23:23:34	TALITA ARAUJO QUEIROZ	Aceito
Outros	ANUENCIA_GESTOR.pdf	05/06/2022 23:21:12	TALITA ARAUJO QUEIROZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	TALITA_VERSAO1_PROJETO1.docx	05/06/2022 23:17:34	TALITA ARAUJO QUEIROZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PAIS_E_RESPONSAVEIS.docx	05/06/2022 23:16:06	TALITA ARAUJO QUEIROZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PARTICIPANTES_MAIOR_IDADE.docx	05/06/2022 23:15:47	TALITA ARAUJO QUEIROZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_Assentimento_LIVRE_ESCLARECIDO.docx	05/06/2022 23:15:06	TALITA ARAUJO QUEIROZ	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_talita_oficial.pdf	05/06/2022 23:02:31	TALITA ARAUJO QUEIROZ	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Continuação do Parecer: 5.506.332

MANAUS, 03 de Julho de 2022

Assinado por: _____

Eliana Maria Pereira da Fonseca (Coordenador(a))